



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Departamento de Letras e Artes
Mestrado em Letras: Linguagens e Representações

LUANA CAETANO THIBES

**AS MULHERES DE CHIMAMANDA:
REPRESENTAÇÕES DE RAÇA, ETNIA E GÊNERO**

**ILHÉUS-BAHIA
2018**

LUANA CAETANO THIBES

**AS MULHERES DE CHIMAMANDA:
REPRESENTAÇÕES DE RAÇA, ETNIA E GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Isaías Francisco de Carvalho.

**ILHÉUS-BAHIA
2018**

FICHA CATALOGRÁFICA

T426 Thibes, Luana Caetano.
As mulheres de chimamanda: representações de
raça, etnia e gênero / Luana Caetano Thibes. –
Ilhéus, BA: UESC, 2018.
86f.

Orientador: Isaías Francisco de Carvalho.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual
de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em
Letras: Linguagens e Representações.
Inclui referências.

1. Adichie, Chimamanda Ngozi, 1977-. 2. Pós-
colonialismo. 3. Ficção Nigeriana. 4. Mulheres con-
sociais. I. Título.

dições

CDD 809

LUANA CAETANO THIBES

**AS MULHERES DE CHIMAMANDA:
REPRESENTAÇÕES DE RAÇA, ETNIA E GÊNERO**

Defesa da dissertação de mestrado de Luana Caetano Thibes, intitulada *As mulheres de Chimamanda: representações de raça, etnia e gênero*, orientada pelo Prof. Dr. Isaías Francisco de Carvalho, apresentada à banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações da UESC, em março de 2018.

Os membros da Banca Examinadora consideram a candidata _____.

Ilhéus-BA, 08 de março de 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Isaías Francisco de Carvalho
UESC – BA
(orientador)

Prof^a. Dr^a Inara de Oliveira Rodrigues
UESC-BA

Prof. Dr. Adeítalo Manoel Pinho
UEFS-BA

Para Neide,
Ronaldo,
André,
Pedro,
Fabrício.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento à pesquisa desenvolvida durante o mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, pelo voto de confiança ao receber minha proposta de pesquisa, pela atenção e pelos serviços técnico-administrativos prontamente prestados.

Ao meu orientador, Isaías Francisco de Carvalho, por não desistir de mim como pesquisadora, e sempre me desafiar a alcançar mais. As lições que aprendi com ele levo para o resto de minha vida acadêmica.

Ao grupo de pesquisa “Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas – GPAfro”, não só pelas reuniões que enriquecem a cada dia mais minhas pesquisas, mas pelo suporte e pelas relações interpessoais que são estreitadas a cada encontro.

Aos professores de que tive a honra de cursar as disciplinas, André Mitidieri, Zelina Beato, Carla Damião, Sandra Sacramento, Daiana dos Santos, Augusto Fagundes, Valéria Amim, Ricardo Freitas e Paula Siega, pelo suporte no primeiro ano de mestrado, e pelas orientações valiosas que pude incorporar ao texto da dissertação.

Às professoras Inara Rodrigues e Cynthia Barra, pelas importantes contribuições no momento da qualificação.

Aos meus familiares e amigos, pela compreensão e pelo apoio próximo ao incondicional, fica aqui meu agradecimento de coração:

Aos meus pais, Ronaldo e Neide Thibes, pelo amor insuperável e pelo investimento. E por me fazerem acreditar que eu sempre posso mais.

Aos meus irmãos, André, Pedro e Fabrício, por me apoiarem do jeito que podem e sabem. Cada um a sua maneira. Cada um a seu tempo.

A Nahendi Mota, uma das minhas maiores incentivadoras na vida acadêmica, que desenvolveu uma habilidade absurda de saber exatamente quando ouvir, quando falar, quando dar carinho e quando dar bronca. E que ainda atua como opinadora e revisora nas (poucas) horas vagas.

Aos colegas da turma PPGLLR 2016-2018, em que destaco Ícaro – uma doce surpresa na minha vida –, Bárbara e Luana Assis, com quem sempre pude contar para tomar uma (eu disse UMA!) cerveja depois dos dias mais difíceis.

Ao casal Joanny – João e Anny –, pela paciência e pela preocupação com meu bem-estar. E também pelas risadas nos momentos propícios, seja assistindo a nossos programas de TV preferidos, seja nas noites entre filmes e comidas gordurosas.

A Nathânia e Vanessa, por se fazerem presentes mesmo com o inevitável afastamento motivado pela temível vida adulta e pelos compromissos, além de entenderem os momentos necessários de ausência.

Agradeço, por fim, a Deus. Por tornar possíveis todas as bênçãos que recebo a cada dia e colocar em meu caminho cada pessoa aqui citada. Se hoje estou aqui, foi por que assim Ele quis.

Culture does not make people. People make culture. If it is true that the full humanity of women is not our culture, then we can and must make it our culture.

Chimamanda Ngozi Adichie

THIBES, Luana Caetano. *As mulheres de Chimamanda*: representações de raça, etnia e gênero. 85 f. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018.

RESUMO

Com a ampliação dos estudos culturais pós-coloniais, consolidou-se, no campo dos estudos literários, uma ruptura dos paradigmas hegemônicos historicamente impostos. A literatura, como fonte de fruição, de informação e de reflexão, desempenhou significativo papel ao aproximar o leitor de novas perspectivas exploradas pela crítica e pela teorização pós-coloniais. Propõe-se a análise de três romances da autora nigeriana Chimamanda Adichie, *Hibisco roxo* (2011), *Meio sol amarelo* (2008) e *Americanah* (2014), que retratam, cada um a sua maneira, os impactos da imposição hegemônica das potências modernas nas vidas das nigerianas. Com isso, objetivamos observar possíveis graus de discriminação e hostilidade que as protagonistas dos romances selecionados sofrem em relação à raça, à etnia e ao gênero, nos contextos nigeriano e estadunidense. Como fonte de embasamento teórico, contamos com o aporte de Hall (2005), Césaire (2011), Fanon (2008), Maestro (2012), Ashcroft (1994) e Carvalho (2009), entre outros. Esta proposta pode contribuir para os estudos de literaturas e de representações culturais pós-coloniais anglófonas, expandindo o alcance de divulgação das referidas literaturas, em especial a nigeriana, com destaque para o papel das mulheres negras apresentadas nas três obras que compõem o *corpus* da pesquisa.

Palavras-chave: Pós-colonial; Imposição hegemônica; Literatura nigeriana; Chimamanda Ngozi Adichie.

THIBES, Luana Caetano. *Chimamanda's women: representations of race, ethnicity and gender*. 85 f. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018.

ABSTRACT

With the expansion of postcolonial cultural studies, a rupture of historically imposed hegemonic paradigms was consolidated in the field of literary studies. Literature, as a source of fruition, information and reflection, played a significant role by connecting the reader to the perspectives explored by postcolonial criticism and theory. We propose here the analysis of three novels by Nigerian writer Chimamanda Adichie – *Purple hibiscus* (2005), *Half of a yellow sun* (2006), and *Americanah* (2013) – which portray, each in its own way, the impacts of the modern powers hegemonic impositions on Nigerians' lives. With this, we aim to observe possible degrees of discrimination and hostility that the protagonists of the selected novels suffer in relation to race, ethnicity and gender, in the Nigerian and American contexts. As source of our theoretical basis, we count on the contributions of Hall (2005), Césaire (2011), Fanon (2008), Maestro (2012), Ashcroft (1994), and Carvalho (2009), among others. This proposal can contribute to postcolonial English-language literatures and cultural representations studies, expanding the dissemination of the scope of the literature under analysis, the Nigerian in particular, with emphasis on the role of black women presented in the three novels that compose the research *corpus*.

Keywords: Postcolonial; Hegemonic imposition; Nigerian literature; Chimamanda Ngozi Adichie.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CULTURA ENRAIZADA: (DES)AMARRANDO CONCEITOS	17
2.1 RAÇA OU ETNIA?.....	18
2.2 EXCLUSÕES COMBINADAS: QUESTÕES DE GÊNERO	23
2.3 SUJEITOS DIASPÓRICOS, SUBALTERNIDADE E COLONIALISMO	30
3 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: MULHER E OBRA	38
3.1 A INDISPENSABILIDADE DE ADICHIE NO SÉCULO XXI	41
3.2 VALIOSAS TEMÁTICAS: RETRATOS DA NIGÉRIA CONTEMPORÂNEA	42
3.2.1 <i>Hibisco roxo</i>	45
3.2.2 <i>Meio sol amarelo</i>	49
3.2.3 <i>Americanah</i>	53
4 KAMBILI, OLANNA E IFEMELU: VIDAS IMPACTADAS	60
4.1 O SILÊNCIO DE KAMBILI	61
4.2 A COMPLACÊNCIA DE OLANNA	67
4.3 A SOLIDÃO DE IFEMELU	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82

1 INTRODUÇÃO

A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica.

Homi Bhabha, *O local da cultura*

Na contemporaneidade, muitas das relações sociais historicamente convencionadas estão sendo questionadas. No âmbito das literaturas e das teorias pós-coloniais, teóricos já estabelecidos apontam para novas problemáticas relacionadas à identidade e ao entendimento de determinados processos sociais, tais como o complexo de inferioridade desenvolvido por negros após a imposição violenta da superioridade branca e as formas com que as diferenças culturais vêm sendo articuladas. Paralelamente, autores de ficção conhecidos por publicar histórias do ponto de vista das ex-colônias europeias ganham espaço na mídia internacional, a exemplo dos escritores nigerianos que comprovam a relevância da literatura anglófona da Nigéria no contexto mundial. Vozes como a de Chimamanda Ngozi Adichie, reconhecida como uma das mais importantes jovens escritoras anglófonas da atualidade, Wole Soyinka, ganhador do Nobel de Literatura de 1986, Chinua Achebe, conhecido como pai da literatura africana contemporânea, e Helon Habila, poeta e romancista vencedor de diversos prêmios, corroboram para o estabelecimento da literatura nigeriana em nível global.

Destacamos autores nascidos no contexto colonial ou pós-colonial, pois a perspectiva do colonizado foi ignorada por séculos, sendo levado em consideração apenas um dos lados da história dos grandes impérios ocidentais, que impuseram suas crenças sociais e religiosas a povos, levando-os a acreditarem que eram inferiores. Nesse cenário, as nações dominantes estabeleceram sua noção de civilidade como única e as comunidades submetidas a essa manipulação viram suas culturas serem silenciadas.

Nas últimas décadas, entretanto, esses povos emudecidos pelo domínio europeu encontraram nas condições mais democráticas de publicação e de fala a oportunidade de se fazerem ouvir. Valeram-se da produção literária, entre outros meios pós-independência, como um canal de divulgação de seu ponto de vista,

empregando a língua do colonizador como ferramenta de emissão de ideias. Essas produções, ainda consideradas periféricas por certa vertente teórica, têm sido denominadas literaturas pós-coloniais por uma corrente de estudiosos que surge a partir da década de 1980, como Décio Cruz evidencia em *Literatura (pós-colonial) caribenha de língua inglesa* (2016). De acordo com o levantamento bibliográfico do autor, o termo pós-colonial é usado para definir a cultura afetada pelo processo de colonização, desde a invasão imperial até os dias de hoje, que se reflete nas literaturas contemporâneas. O teórico reforça que o termo pós-colonial não se refere apenas ao que veio imediatamente após a colonização de um povo, uma vez que as mudanças culturais não ocorrem de um dia para o outro, como as mudanças políticas refletidas em um mapa *mundi* (CRUZ, 2016, p. 50). Assim, mesmo depois de anos reconhecidos como nações independentes, em muitos países, ainda podem ser observadas marcas ressignificadas do colonialismo manifestadas em suas produções literárias (aqui caracterizadas como literaturas pós-coloniais).

Uma característica de grande parte das publicações originárias de contextos pós-coloniais é o engajamento social, o uso que os intelectuais fazem da literatura como fonte de questionamentos. De acordo com Chauí (2005), o intelectual engajado surge do sujeito que necessita de algo além de independência – necessita de autonomia para criticar o que lhe é relevante, como as instituições religiosas, políticas e acadêmicas. A filósofa afirma que, do ponto de vista de Sartre, “o intelectual engajado é o escritor de atualidades que opina e intervém em todos os acontecimentos relevantes, à medida que vão se sucedendo uns aos outros. É um estado de vigília permanente.” (CHAUÍ, 2005, p. 6). Ou seja, este sujeito é o pensador insatisfeito com sua realidade e se questiona quanto às diferentes situações a que é exposto. É o caso da autora nigeriana Chimamanda Adichie, que pode ser considerada uma intelectual engajada (condição a ser mais especificamente abordada na seção 3.1), na medida em que, junto a outros autores pós-coloniais, proporciona uma visão mais abrangente das relações entre países considerados centrais e aqueles considerados periféricos, a partir de narrativas de alcance internacional. Ela é, também, uma personalidade com reconhecimento mundial que milita em favor de minorias – em especial, das mulheres – e recusa-se a aceitar a realidade imposta às mulheres negras, se fazendo ouvir e ignorando as

expectativas relativamente baixas que lhe foram voltadas. Dessa forma, Chimamanda garante seu espaço nos meios de comunicação hegemônicos para visibilizar seu povo.

Cabe aos que encontram espaço nesses meios hegemônicos representar e dar voz a sociedades inteiras, colaborando para a desconstrução do imaginário criado em relação aos países marginalizados. Isaías Carvalho (2009) refere-se a esse grupo de contadores de histórias como narradores pós-coloniais, afirmando se tratar de “[...] um narrador que diz *Nós*, ou uma multiplicidade de narradores, numa polifonia em que as vozes anônimas da coletividade encontram um *meio* possível e produtivo de expressão.” (CARVALHO, 2009, p. 8).

Diante disso, propomos a análise de três romances da autora, uma das mais importantes vozes anglófonas¹ contemporâneas atualmente, além de porta-voz de causas feministas. Os romances selecionados para investigação e apreciação são *Hibisco roxo* ([2003] 2011), *Meio sol amarelo* ([2006] 2008) e *Americanah* ([2013] 2014), que retratam, cada um a sua maneira, os impactos dessa imposição das potências modernas nas vidas dos cidadãos nigerianos. Para tanto, nos detemos à análise das protagonistas de cada um dos romances, Kambili, Olanna e Ifemelu, respectivamente, problematizando de que forma os conceitos de raça, etnia e gênero influenciam suas relações, refletidas em suas construções como representações literárias. Salientamos que o conceito de representação aqui empregado é proveniente da concepção de *mímesis*, voltando o olhar para suas primeiras definições, que datam da Antiguidade, período histórico em que Aristóteles acreditava na relação traçada entre o objeto e a imagem por meio da *mímesis* como o maior benefício na aquisição de conhecimento. De acordo com Holanda (2008), o filósofo afirmava que o aprendizado mimético é característico da natureza humana.

O conceito de *mímesis* pode ser encontrado em escritos de filósofos, historiadores, poetas e pensadores gregos, mas passa a ter grande atuação filosófica a partir dos estudos de Platão e Aristóteles, que o elevam a um dos conceitos centrais da filosofia (HOLANDA, 2008). Com base no legado dos grandes

¹ O termo “literatura anglófona” é amplamente aceito no âmbito acadêmico para se referir às literaturas em inglês produzidas por escritores provenientes de ex-colônias britânicas, com exceção dos Estados Unidos. Neste trabalho, em alinhamento à abordagem de Carvalho (2009), consideramos a inclusão dos Estados Unidos e do próprio Reino Unido como sendo todos do âmbito das “literaturas anglófonas”.

pensadores antigos, a *mímesis* (ou mimese) não só é considerada herança da Antiguidade, enquanto questão relevante até hoje, como sua própria tematização trata de herança histórica. Da Antiguidade grega para o classicismo alemão, o termo seguiu um longo caminho, sendo utilizado primeiramente pelos filósofos e artistas da Antiguidade romana, que serviria de mediadora para os estudos do Renascimento italiano, servindo, por sua vez, de base para os classicistas franceses do século XVII. Embora muito se tenha acrescentado à discussão sobre as artes em geral, podemos concluir que o termo sofreu mudanças em sua significação com o peso de tantas traduções.

Entretanto, Holanda afirma que, no século XVIII, os alemães tiveram acesso aos escritos originais em grego, o que os permitiu travar uma relação direta com a Antiguidade grega, retomando a força do termo e aprofundando seu desenvolvimento. Todavia, os classicistas alemães não interpretaram *mímesis* da mesma forma que os Antigos, os quais acreditavam na fidelidade à estética original como forma mais eficaz de alcançar os efeitos desejados. Eles a interpretam como uma emulação, e não mais da natureza como ideal perfeito, mas da própria obra da Antiguidade enquanto modelo. Dessa forma, compreendemos nesta pesquisa a *mímesis* a partir do classicismo alemão, que, ao obter acesso aos escritos originais, diminui o abismo entre o mundo antigo, adotando o conceito e o adaptando para a realidade moderna, não mais aceitando a simulação pura como forma de aprendizado e produção cultural, mas empregando a mimese enquanto reprodução e representação.

Com isso, apontamos para a importância das representações realistas contemporâneas como fonte de aprendizado e conhecimento de mundo. É o caso das obras de Chimamanda, que se inserem no contexto pós-colonial, e contam com representações condizentes com a realidade, complementando estudos antropológicos que se propõem a analisar como se dão as relações da mulher negra com a sociedade contemporânea.

O primeiro romance publicado, *Hibisco Roxo*, é ambientado na Nigéria, em um contexto próximo dos anos atuais. Na narrativa, a protagonista, Kambili, é filha de um fanático religioso, que coloca os preceitos da igreja católica acima de tudo. A problemática das imposições hegemônicas nos contextos colonial e pós-colonial é abordada de forma objetiva em *Hibisco roxo*, com a presença de uma religião de

origem europeia influenciando a rotina diária de famílias africanas, e trazendo consigo todos os dogmas que subjugarão negros e mulheres historicamente.

Seguindo a ordem cronológica de publicação original, o segundo romance que analisamos é *Meio sol amarelo*, ambientado na Nigéria do final dos anos 1960, e que aborda o período histórico em que o país africano enfrentou conflitos internos, período esse conhecido como Guerra Civil Nigeriana, ou Guerra Nigéria-Biafra. O romance acompanha a história de Olanna, entre outras personagens que lutam para sobreviver aos horrores da guerra, enquanto se questionam em relação às influências da colonização britânica no país, que conquistara sua independência recentemente.

O terceiro romance, *Americanah*, é a narrativa mais atual de Adichie, não apenas no que tange à data de publicação, mas também pelos assuntos abordados e o contexto retratado. A autora se vale de diversas estratégias para discutir raça, etnia e gênero, tanto no cenário nigeriano quanto no estadunidense. No romance, Ifemelu é uma estudante universitária que migra para os Estados Unidos para dar continuidade aos estudos, enfrentando o peso do racismo e do machismo originários do ocidente.

O objetivo central da pesquisa consiste em refletir sobre os impactos da hegemonia ocidental na vida das mulheres representadas na obra ficcional de Chimamanda Adichie. Nossa intenção é observar possíveis graus de discriminação e hostilidade que as protagonistas dos romances selecionados experimentam em relação à raça, etnia e gênero, nos contextos nigeriano e estadunidense, num cenário de vigência dos padrões impostos pela hegemonia eurocêntrica. Cito duas sociedades porque os romances de Adichie são ambientados na Nigéria – *Meio sol amarelo* (2008), *Hibisco roxo* (2011) e *Americanah* (2014) –, e nos Estados Unidos – *Americanah* –, palco das ações e reações das protagonistas.

Objetivamos, mais especificamente, evidenciar, a partir do *corpus* delimitado, aspectos da perspectiva da mulher africana-nigeriana: até que ponto os padrões impostos são assimilados e mimetizados e a partir de que momento ocorre a quebra do paradigma vigente. Além disso, averiguamos as principais diferenças retratadas nas obras entre ser uma mulher negra na Nigéria e ser essa mesma mulher nos Estados Unidos, onde a autora apresenta questões de raça de forma consideravelmente mais contundente.

Além disso, propomos expandir o alcance de divulgação de literaturas pós-coloniais, em especial a nigeriana, compreendendo a importância da ampla promoção de obras que se prestam a questionar organizações socioculturais vigentes. Com a ampliação dos estudos pós-coloniais, entre outros que promovem a voz do marginalizado, uma trajetória de ruptura dos paradigmas historicamente consolidados é delineada. Os romances adichieanos, em seu papel de mediadores de informação e de reflexão, funcionam como um elo entre o leitor e as novas perspectivas exploradas pela teorização pós-colonial.

Em termos de apresentação resumida e esquemática das partes que compõem este trabalho, no capítulo intitulado “Cultura enraizada: (des)amarrando conceitos”, apresentamos a fundamentação teórica, evidenciando os termos-chave da pesquisa, a saber: raça, etnia e gênero, além de subalternidade, e sujeito diaspórico. Nesse capítulo, estabelecemos as correntes teóricas que optamos por seguir, determinando *a priori* que não há conceituação definitiva em relação à área optada. Além disso, aproveitamos a temática do capítulo para justificar a inclinação por distinguir raça e etnia, especificando em que cenários será aplicado cada conceito.

No capítulo três, “Chimamanda Ngozi Adichie: mulher e obra”, destacamos o trabalho de Adichie, escritora negra, com obras traduzidas para mais de trinta idiomas, vencedora de inúmeros prêmios e que, na condição de beneficiária de uma *MacArthur Foundation Fellowship*, demonstra certa necessidade de se afirmar a partir dos métodos hegemônicos, ao mesmo tempo em que se preocupa em construir personagens negras com voz ativa e relevante em suas narrativas. Nesse capítulo, discorremos ainda sobre a importância dessa autora para as discussões culturais em curso na contemporaneidade. Analisamos, de forma mais abrangente, as estruturas narrativas adichieanas, quais as suas temáticas recorrentes e de que forma enriquecem os debates suscitados pelos estudos culturais.

No quarto capítulo, com o título “Ifemelu, Kambili e Olanna: vidas impactadas”, efetuamos a análise das personagens selecionadas por seu papel de destaque nos romances, à luz das teorizações e revisões de literatura realizadas. Direcionamos nosso olhar para a caracterização das protagonistas das obras elencadas, a partir da conduta de cada uma diante dos desafios diários de ser uma mulher negra no contexto contemporâneo, tanto na Nigéria quanto nos Estados

Unidos. Para completar nossos objetivos, subdividimos o capítulo de forma a priorizar cada uma das mulheres de Chimamanda, averiguando a dimensão das dificuldades sofridas relativamente a questões de raça, etnia e gênero.

Por fim, salientamos que se trata de uma pesquisa de caráter descritivo-bibliográfico, em que optamos pela abordagem teórico-crítica do *corpus* literário proposto. Para tanto, articula-se o legado da Teoria Literária e as contribuições mais atuais da Crítica Cultural, mais especificamente no campo dos Estudos Culturais Pós-Coloniais.

Esta proposta de dissertação justifica-se, pois, pela necessidade de dar continuidade ao diálogo estabelecido com grupos minoritários – em especial com a mulher negra – sobre formas de alienação hegemônica, além dos caminhos para a desconstrução de preceitos determinados autoritariamente, e de que forma isso influencia na aceitação identitária e no empoderamento de pessoas pertencentes a mais de uma minoria. Torna-se relevante, também, devido à possibilidade de associação entre cultura, literatura e identidade, a partir da análise das representações no *corpus* selecionado, que ilustram a relação da mulher negra com a imposição branca, além da relação da negra com sua própria individualidade.

2 CULTURA ENRAIZADA: (DES)AMARRANDO CONCEITOS

[...] em toda parte, 'nobre', 'aristocrático', no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu 'bom', no sentido de 'espiritualmente nobre', 'aristocrático', de 'espiritualmente bem-nascido', 'espiritualmente privilegiado': um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz 'plebeu', 'comum', 'baixo' transmutar-se finalmente em 'ruim'.

Friedrich Nietzsche, *Genealogia da moral*

As transformações nos arranjos e símbolos sociais, em termos de empoderamento de minorias, já há algum tempo podem ser notadas nas representações culturais, políticas e literárias em níveis nacional e internacional. É o caso de múltiplas narrativas contemporâneas que mesclam representações de personagens ficcionais e reais, frequentemente inseridos em contextos verídicos, atuais ou passados. Geralmente, tais narrativas trabalham suas representações de forma a borrar as fronteiras entre literatura, história e antropologia, analisando aspectos sociais e culturais, ratificando ou subvertendo estudos antropológicos, a depender da intenção do autor. A partir da leitura e análise de tais obras literárias, um determinado indivíduo pode, por exemplo, traçar paralelos entre ficção e realidade, desenvolvendo seu pensamento crítico.

Partindo dessa premissa, voltamos nosso olhar para os estudos culturais, que focam na análise das relações interculturais, além das relações de poder e dominação desenvolvidas a partir do contato entre grupos de diferentes origens e práticas. Acreditamos que, para desenvolver a análise dos romances de Adichie – *Hibisco roxo* (2011), *Meio sol amarelo* (2008) e *Americanah* (2014) –, devemos primeiramente apresentar termos considerados relevantes ao pensar nas ações e reações representadas nas obras componentes do *corpus* da pesquisa. Termos como raça, etnia e gênero, assim como subalternidade e sujeito diaspórico, se fazem fundamentais quando pensamos nos cenários construídos por essa autora nigeriana.

2.1 RAÇA OU ETNIA?

Reconhecendo a natureza controversa do termo “raça” – não mais considerado um conceito científico que se sustente, em estudos genéticos ou biológicos –, adotamos esse vocábulo devido à necessidade de caracterizar a segregação e a marginalização de grupos retratados no *corpus* selecionado reunidos a partir de características físicas. Nesse sentido, para Stuart Hall, raça é uma categoria discursiva, não biológica:

[...] a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas [...] como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2005, p. 63, grifo do autor).

O que não minimiza a interferência de tal categoria nas relações interpessoais contemporâneas. Interferência essa que influencia as representações das pessoas classificadas sob a “raça negra” nas obras analisadas, incitando-os a tentarem se adequar aos paradigmas hegemonicamente impostos, de modo a provar o valor que lhes foi tirado quando lhes disseram que os padrões de beleza, inteligência e cultura aceitáveis eram os do homem branco. Nos romances em análise, acompanhamos personagens de pele negra desejando – e por vezes alcançando a duras penas – os cabelos lisos europeus, as peles de tonalidade clara e os narizes afilados, na tentativa de se igualar ao arquétipo imposto.

Reforçando a noção de raça como categoria discursiva que considera atributos externos para agrupar indivíduos, Antonio Risério afirma que “[...] falamos de ‘raça’ para designar grupos relativamente homogêneos, em suas características físicas externas transmitidas. E o conceito circula, tanto por necessidade quanto por astúcia, no campo das reflexões políticas, culturais, ideológicas.” (RISÉRIO, 2007, p. 25). Nesse sentido, o conceito ainda estaria em circulação como estratégia de controle social por grupos dominantes, que o utilizariam para se manter no poder.

Ao mesmo tempo, reconhece-se a necessidade de continuidade do termo para que o passado de barbárie não seja esquecido e políticas de reparação possam ser aplicadas. Nota-se que, em grande parte dos estudos em relação à

questão de raça e sua carga negativa, os esforços dos teóricos de descendência africana não são para que o conceito de raça deixe de existir, mas sim para repensar e extinguir as relações hierárquicas baseadas nessas diferenças. Como é o caso do filósofo camaronês Achille Mbembe, ao afirmar que “[...] a revolta não é contra a ideia de os africanos pertencerem a uma raça distinta, mas sim contra o preconceito que atribui a essa raça um estatuto inferior.” (MBEMBE, 2010, p. 15). O teórico alega que a presença da raça é importante nas “narrativas africanas dominantes do eu”, não só para determinar diferenças, mas também para reforçar um conceito de nação que “constitui a base moral da solidariedade política” (MBEMBE, 2010, p. 15). Logo, a problemática da questão de raça não estaria no agrupamento de indivíduos sob características pré-definidas, mas no caráter histórico de subjugação, em que o fator racial é utilizado como justificativa para diferenciar, inferiorizar e segregar grupos. Em suma, enquanto houver racismo, o conceito de raça é produtivo e necessário.

Nos três romances componentes do *corpus* da pesquisa, Adichie expõe, em diferentes níveis, a influência da cor da pele de suas personagens e os impactos causados em suas vivências. Nesse sentido, acreditamos que a conceituação de raça defendida por Hall e Risério nos é conveniente. Em uma passagem de *Hibisco roxo*, por exemplo, Kambili narra:

Vovô tinha a pele muito clara, era quase albino, e diziam que esse fora um dos motivos pelos quais os missionários haviam gostado dele. Insistia em falar inglês, sempre, com um forte sotaque igbo. Sabia latim também, citando muitas vezes os artigos do Concílio Vaticano I [...]. Fazia as coisas do jeito certo, do jeito que os brancos fazem, não como nosso povo faz agora! (ADICHIE, 2011, p. 75).

Grandfather was very light-skinned, almost albino, and it was said to be one of the reasons the missionaries had liked him. He determinedly spoke English, always, in a heavy Igbo accent. He knew Latin, too, often quoted the articles of Vatican I [...]. He did things the right way, the way the white people did, not what our people do now!² (ADICHIE, 2005, p. 67).

Observamos que uma das situações recorrentes apresentadas nas narrativas adichieanas é a aparente necessidade do africano negro se aproximar ao

² Doravante, todas as citações diretas destacadas das obras de Adichie serão feitas em língua portuguesa seguidas, com o espaço de uma linha, da versão em língua inglesa. Já as citações diretas no corpo do texto terão sua versão em inglês em notas de rodapé.

máximo das características e costumes do branco europeu, em busca de aceitação e inclusão (THIBES; CARVALHO, 2016). É o caso do pai de Kambili, que segue cegamente a religião do colonizador, enaltecendo seu sogro apenas por este ter a cor da pele mais clara que o padrão nigeriano e ter se adaptado mais espontaneamente aos costumes do catolicismo.

Para boa parte dos nigerianos representados nos romances, o “produto” importado da cultura ocidental é sempre melhor. As melhores escolas são as que seguem os currículos europeus, enquanto o modelo de ensino nacional é prontamente descartado. Nas narrativas em que Adichie se propõe a apontar características do país em que cresceu, qualquer oportunidade de acesso ao importado deve ser aproveitada. Incluir palavras de língua inglesa nos diálogos é visto com bons olhos entre os conterrâneos nigerianos.

Essa necessidade de se provar “viajado” e íntimo da cultura e dos costumes do colonizador é descrita por Ashcroft (1989) como uma “mímica do centro”, proveniente de

[...] um desejo não apenas de ser aceito, mas de ser adotado e absorvido. Isso fez com que aqueles da periferia mergulhassem na cultura importada, negando suas origens em uma tentativa de se tornar ‘mais Inglês que o próprio Inglês’. (ASHCROFT, 1989, p. 4; tradução nossa).³

Na perspectiva dos romances, o sujeito pertencente ao contexto pós-colonial busca não só aceitação, mas adoção e absorção, pelo desejo de se igualar ao ex-colonizador (ou neocolonizador, como seria o caso dos Estados Unidos), visto que sempre lhe foi dito que sua cultura era inferior à europeia. Aqueles que o dominaram e subjugarão, entretanto, não o acharão bom o suficiente, nem o enxergarão como igual. Por isso, essa necessidade de se tornar “mais Inglês que o próprio Inglês” acaba se voltando para seus próprios conterrâneos, de quem espera admiração e reconhecimento.

Frantz Fanon (2008) relata a angústia do negro por nunca alcançar os parâmetros impostos pelo colonizador europeu a partir de sua perspectiva

³ [...] a desire not only to be accepted but to be adopted and absorbed. It caused those from the periphery to immerse themselves in the imported culture, denying their origins in an attempt to become ‘more English than the English’. (ASHCROFT, 1989, p. 4).

martinicana. Em *Peles negras, máscaras brancas*, disserta sobre a discriminação e o racismo sofridos pelo sujeito “de cor”, afirmando:

[...] começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco [...] (FANON, 2008, p. 94).

Nesse sentido, a lógica resultante da postura do homem branco opressor aparenta incoerência ao olhar desavisado, visto que impõe sua cultura, exige que o negro a siga a qualquer custo e o faz acreditar que é insignificante, e quando o negro corre para se igualar ao branco, não é aceito como igual. Seguindo a linha de pensamento do que se impõe como dominador, o negro nunca será bom o suficiente, nem quando segue seus próprios costumes nem quando tenta acompanhar os costumes ocidentais impostos a ele.

Após delinear e exemplificar o conceito de raça, o colocamos lado a lado com o que consideramos aqui a questão de etnia. Hall esclarece que “[...] etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhadas por um povo.” (HALL, 2005, p. 62). Se quando falamos de raça nos referimos a características físicas frouxamente demarcadas, ao pensar em etnia (e grupos étnicos), voltamos nosso olhar para as características culturais que unem determinado grupo social.

É o caso dos igbo (ou ibo), maior grupo étnico da Nigéria, do qual fazem parte as três protagonistas aqui analisadas, assim como a própria Adichie. A partir da convergência das próprias experiências como igbo, com as experiências coletadas de familiares, amigos, conhecidos e da História nigeriana, a autora tece narrativas retratando o que é pertencer a esse grupo étnico após o processo de colonização e pós-colonização (ou descolonização em processo) da Nigéria. Adichie também aproveita seu olhar interno para questionar os impactos da colonização, contrapondo o sentimento de pertença à Nigéria com o sentimento de pertença à tribo anterior às divisões cartográficas ocidentais. Em *Meio sol amarelo*, um grupo de intelectuais de diferentes etnias discute:

‘Claro que nós somos todos iguais, todos temos a opressão branca em comum’, disse a srta. Adebayo, secamente. ‘O pan-africanismo é simplesmente a resposta sensata.’

‘Claro, claro, mas o que eu digo é que a única identidade autêntica para um africano é sua tribo’, disse o Patrão. ‘Eu sou nigeriano porque um branco criou a Nigéria e me deu essa identidade. Sou negro porque o branco fez o negro ser o mais diferente possível do branco. Mas eu era ibo antes que o branco aparecesse.’ (ADICHIE, 2008, p. 22).

‘Of course we are all alike, we all have white oppression in common,’ Miss Adebayo said dryly. ‘Pan-Africanism is simply the most sensible response.’

‘Of course, of course, but my point is that the only authentic identity for the African is the tribe,’ Master said. ‘I am Nigerian because a white man created Nigeria and gave me that identity. I am black because the white man constructed *black* to be as different as possible from his *white*. But I was Igbo before the white man came.’ (ADICHIE, 2006, p. 19).

Apresentamos essa passagem para evidenciar que, enquanto em alguns contextos analisados a cor da pele é o fator mais evidente, influenciando diretamente nas relações das personagens, em outros contextos a questão da etnia se faz mais presente, provocando, inclusive, a guerra civil nigeriana, palco dos acontecimentos do romance *Meio sol amarelo*, e página importante da história da Nigéria contemporânea, onde se passam os outros dois romances. No trecho supracitado, acompanhamos o diálogo entre uma iorubá e um igbo, em território igbo. A srta. Adebayo, ao defender o pan-africanismo, demonstra uma necessidade de pertença, ao se ver habitando uma cidade de predominância étnica diferente da sua. De acordo com Sansone,

[...] é frequente haver apenas uma linha muito tênue separando a etnicidade da ‘raça’. Por um lado, não há uma necessidade absoluta de que a etnicidade seja entendida em termos raciais, ou de que se articule através de um discurso racista. [...] É claro que a ‘raça’ (isto é, o fenótipo africano) é menos maleável do que a etnicidade (por exemplo, o uso de tranças e de roupas afro – que nos Estados Unidos se chamam de roupa *kente*), nem que seja porque, com muita frequência, as pessoas de fora lembram ao indivíduo que ele não pode escapar de sua condição racial. (SANSONE, 2004, p. 255).

Logo, o que propomos aqui é a análise do *corpus* tendo em vista essa linha tênue defendida por Sansone, que separa raça e etnia, optando por interpretar os excertos selecionados caso a caso. Nessa circunstância, temos a possibilidade de

averiguar se as situações vividas pelas personagens foco da pesquisa são atravessadas por questões de raça, etnia, ou ambas em níveis diferentes.

Um ponto de relevância para nosso estudo é a combinação dos termos-chave apontados no título da dissertação – raça, etnia e gênero – na inspeção da obra adichieana, considerando ocorrências dos impactos da imposição hegemônica em que priorizamos um ou outro conceito apresentado nesta sessão. Assim, devido à escolha de analisar as personagens femininas dos romances, a questão de gênero – a ser apresentada na próxima sessão – sempre se fará presente em nossos apontamentos.

2.2 EXCLUSÕES COMBINADAS: QUESTÕES DE GÊNERO

Somado às questões raciais e étnicas, o terceiro fator-chave que analisamos enquanto significativo para as relações interpessoais das protagonistas, e que se faz pertinente ao longo de todas as obras componentes do *corpus*, é a questão de gênero. Nas situações que Adichie apresenta nos romances, o fator em comum mais proeminente entre suas protagonistas é a questão de serem mulheres. Mulheres africanas. Mulheres igbo. Mulheres negras. Acima de tudo, mulheres.

Nosso intuito aqui é investigar os impactos da intersecção da questão de gênero com as questões de raça e/ou etnia nas vidas das protagonistas de Adichie, visto que Ifemelu, Kambili e Olanna são integrantes de mais de uma minoria, quando as observamos a partir dos padrões hegemônicos vigentes. Salientamos que, de acordo com a autora, no manifesto *Para educar crianças feministas* (2017), a própria comunidade igbo se organiza de forma a reforçar a submissão feminina, ao afirmar que “[...] a cultura igbo também ensina que uma mulher não pode fazer certas coisas porque é mulher [...]” (ADICHIE, 2017, p. 51). Entretanto, a autora também afirma:

[...] uma família com dupla fonte de renda constitui a verdadeira tradição igbo, não só porque as mães plantavam e comercializavam antes do colonialismo britânico, mas também porque o comércio era uma atividade exclusivamente feminina em algumas partes da Igbolândia. (ADICHIE, 2017, p. 15).

Portanto, a análise aqui desenvolvida considera que a posição da mulher igbo nigeriana na sociedade contemporânea, seja na Nigéria ou nos Estados Unidos, foi intensamente modificada pela colonização britânica, havendo pouca possibilidade de dissociação da influência ocidental nos paradigmas e preconceitos relacionados a gênero nos romances.

De acordo com María Lugones, “[...] se *mulher* e *negro* são termos para categorias homogêneas, atomizadas e separáveis, então sua intersecção mostramos a ausência das mulheres negras – e não sua presença” (LUGONES, 2014, p. 935). Portanto, embora as mulheres de Adichie estejam longe de serem consideradas personagens silenciadas, a combinação de exclusões a que elas pertencem certamente tem peso significativo em suas vidas.

Vale ressaltar que o gênero, por si só, é uma categoria excludente poderosa, fundada historicamente sobre construções beneficiadoras do sexo masculino em detrimento do feminino. Em “Debates sobre el género” (2010), Pórtolés faz um apanhado de teorias feministas quanto a sexo e gênero, argumentando a favor da concepção de que ambos são construções. A autora afirma que “[...] tanto la sexualidad como el género son políticos, es decir, están socialmente contruidos: existe un sistema de poder que recompensa y fortalece a algunos individuos y actividades, mientras castiga y oculta a otros.” (PORTOLÉS, 2010, p. 28).

Esse sistema de poder vigente empenha-se em manter a constância dessas relações sociais díspares, como forma de garantir seus privilégios em detrimento dos direitos das minorias. Assim, determinadas ações, sejam elas conscientes ou inconscientes, agem como meios de ratificar a posição superior dos detentores de poder. Ações que são realizadas tanto pelos ocupantes dessa posição superior na cadeia de poder hegemônico quanto pelos submetidos a esse sistema.

Essa perspectiva implica a compreensão de que esse sistema estabelecido política e socialmente determina normas de conduta. Normas essas que se fazem latentes ao ingressar no debate acerca da construção social do gênero, que vem tomando fôlego há algumas décadas, impulsionado principalmente pela

necessidade de equiparar seres humanos, extinguindo relações de poder constituídas a partir do binarismo homem/mulher, que sempre situam o segundo dos pares em condição submissa ao primeiro. Junto a esse debate, surge a hipótese de que, na qualidade de construção favorecedora de interesses do dominante, o gênero seria uma performance, executada inconscientemente por pessoas expostas desde o nascimento a essas estruturas.

De acordo com Butler (2008), essas ações produzem um “efeito da significação corporal”, que surge a partir de concepções internas, mas é revelado na superfície do corpo. Ela explica:

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (BUTLER, 2008, p. 194, grifo da autora).

Logo, uma pessoa nascida sob a definição de sexo biológico feminino, atua de tal forma que sua identidade se moldará às características do gênero feminino.

Essas construções discursivas estão entranhadas nas estruturas da sociedade ocidental de maneira que, embora manufaturadas, as performances de gênero se passam por naturais. Com isso, abre-se espaço para crenças deterministas, as quais argumentam que uma pessoa inscrita sob determinado sexo biológico desenvolverá características condizentes com o gênero equivalente. E os que não desenvolvem essas características geralmente são classificados como anomalias. Contudo, com a ampliação dos estudos de gênero, tais pessoas outrora considerados anormais, são inclusos na sociedade como casos inevitáveis de inadequação a uma imposição correspondente aos interesses de um grupo específico.

Voltando o olhar para casos de sujeitas que correspondem às inscrições de gênero impostas, observa-se que tais atributos são naturalizados a ponto de acreditar-se que são inerentes de cada pessoa. Partindo do pressuposto de que gênero é performance, Butler argumenta que os atributos constituintes da identidade do indivíduo fariam parte dessa performance. A teórica afirma:

Se os atributos de gênero não são expressivos mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam. [...] Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; [...]. (BUTLER, 2008, p. 201).

Se não há identidade preexistente, logo, todas as características desenvolvidas ao longo da vida – ações, gestos, pensamentos, crenças – seriam atos performativos, frutos dessas construções discursivas. E serviriam para legitimar relações de poder, como é o caso de mulheres reprodutoras de discursos que as subjugam, adotando uma postura conformista.

Diversas são as representações femininas nos romances componentes do *corpus* da pesquisa, e poucas são as mulheres que aparentam não estar conformadas com o “papel feminino” exercido. *Americanah* (2014), por exemplo, apresenta um leque de personagens complexas, de diversos contextos socioculturais. Para essas mulheres, majoritariamente negras, poucos são os questionamentos acerca da condição de submissão a que são sujeitadas. A elas, só resta reproduzir pensamentos que as diminuem, inconscientes de que estão executando uma performance calculada para mantê-las em suas posições de subalternizadas.

Como é o caso de tia Uju, imigrante que, embora formada em um curso de prestígio em seu país de origem, encontra-se solteira nos Estados Unidos, com um filho pequeno e acreditando ter poucas chances de encontrar um bom casamento. Em diálogo com Ifemelu, ela comenta:

‘Ele não é uma pessoa ruim. Tem um bom emprego.’ Ela fez uma pausa. ‘Estou ficando velha. Quero que Dike tenha um irmão ou irmã.’ (ADICHIE, 2014, p. 129).

‘He’s not bad. He has a good job.’ She paused. ‘I’m not getting any younger. I want Dike to have a brother or a sister.’ (ADICHIE, 2013, p. 144).

Notamos a objetividade da personagem ao eleger seu futuro companheiro, visto que, em algum momento, alguém pode ter lhe aconselhado a casar-se e ter filhos como forma de cumprimento do seu dever feminino. Seu pretendente a trata com indiferença, e por vezes demonstra que acredita estar fazendo um favor se

relacionando com Uju. Porque os mesmos mecanismos que colocaram a mulher na situação de busca a um marido, disseram para o homem que não havia necessidade de se casar tão cedo, e a mulher que o conquistasse seria vitoriosa, garantindo assim uma hierarquia na relação marido/mulher.

Os argumentos atrelados ao discurso de que toda mulher deve se casar e ter filhos para se sentir completa geralmente se baseiam em teorias científicas para justificar expressões como “instinto materno” e “relógio biológico”, como forma de decretar que o lugar da mulher é dentro de casa, cuidando da casa e da família. Dessa forma, enquanto o homem ocupa o espaço público – cargos políticos, posições de poder etc. –, a mulher se ocuparia do espaço privado, sendo, dessa forma, silenciada.

Salientamos que a designação atual do que se configura enquanto trabalho doméstico é relativamente recente, de acordo com Davis (2016), tendo surgido após a revolução industrial, junto à ascensão da burguesia, assim como a desvalorização da vida doméstica, devido ao avanço das fábricas:

À medida que a industrialização avançava, transferindo a produção econômica da casa para a fábrica, a importância do trabalho doméstico das mulheres passou por um desgaste sistemático. Elas foram as perdedoras em duplo sentido: uma vez que seus trabalhos tradicionais foram usurpados pelas fábricas em expansão, toda a economia se deslocou para longe da casa, deixando muitas mulheres em grande parte despojadas de papéis econômicos significativos. (DAVIS, 2016, p. 230).

Assim, a partir da ideologia ocidental do século XIX que estabelecia o papel de mãe e dona de casa enquanto modelo ideal de feminilidade, somada à noção de “dona de casa” burguesa, a mulher obrigada a trabalhar fora do espaço privado era vista enquanto fora de seu ambiente “natural”. Davis afirma também que “[...] a separação estrutural entre a economia pública do capitalismo e a economia privada do lar tem sido continuamente reforçada pelo primitivismo obstinado do trabalho doméstico.” (DAVIS, 2016, p. 231). Dessa forma, o modelo capitalista moderno endossa o lugar submisso da mulher atrelado à esfera privada ao dedicar pouca atenção a dispositivos facilitadores do trabalho doméstico, garantindo que as atividades ocupem tanto tempo que o ideal de esposa vendido pela propaganda burguesa pouco se interesse pelo espaço público.

A reprodução em massa de tal discurso fez – e faz – com que mulheres de diferentes classes sociais delimitassem um objetivo em comum: encontrar um marido. Entendemos que não há problema em envolver-se romanticamente com uma pessoa e trocar votos de casamento. Entretanto, no momento em que o matrimônio se torna uma imposição, os padrões de procura inevitavelmente decairão. A mulher, como principal alvo de tal imposição, automaticamente se encontrará em posição de inferioridade, como se fosse a beneficiária de um grande negócio.

São vários os exemplos literários que ilustram a pressão social voltada às mulheres e ao “negócio” do casamento. Citamos apenas dois casos como emblemáticos, pois consagrados pela crítica. A inglesa Jane Austen descreveu, por meio de suas heroínas, as duras verdades da vida privada, e como o sucesso e a segurança da mulher dependiam da conquista de um bom matrimônio. Em *Orgulho e preconceito* ([1813] 2004), Elizabeth Bennet recusa a proposta de casamento de Mr. Collins, para preocupação da matriarca da família, que dedica sua vida a garantir uma boa união para suas cinco filhas. A atitude da personagem, assim como a construção da narrativa em geral, serve como fonte de questionamentos em relação às obrigações da mulher no século XIX.

José de Alencar, por sua vez, discute a condição feminina no cenário brasileiro ao relatar a história de Aurélia, em *Senhora* ([1874] 1977), que subverte a ideia do que se espera da mulher na instituição do casamento e na vida privada. Ao “comprar” um marido, valendo-se do costume de pagamento de dote por parte da família da noiva, a personagem busca retaliação por sua história pessoal, mas também pelas condições a que todas as mulheres de sua época eram submetidas. Mesmo que a protagonista de Alencar converta-se ao papel de mulher casada esperado dela no desenvolver do romance, consideramos a obra um marco importante para a discussão de papéis de gênero no século XIX. Embora ambos os romances retratem valores e costumes do século XIX, simbolicamente, a mulher ainda sofre pressões semelhantes devido à construção do ideal romântico do casamento, que insiste em comandar as práticas sociais envolvendo mulheres na maior parte das sociedades contemporâneas.

A partir de tal construção discursiva, muito bem elaborada, nada que a mulher faça terá tanto valor quanto compor uma família. E a sujeita que não atuar

conforme o esperado será possivelmente rechaçada e ridicularizada. O caso da mulher negra é ainda mais contundente, pois ao pertencer a dois grupos minoritários distintos, por vezes suas necessidades são ignoradas por ambos. Nesse contexto, a mulher negra, duplamente subalternizada, torna-se invisível, sendo ainda mais grave o caso da mulher negra e pobre, triplamente subalternizada. E conseqüentemente, silenciada.

Dentre os diversos exemplos de personagens femininas de Adichie que acumulam exclusões, apontamos a empregada doméstica apresentada brevemente em *Americanah*, que carrega consigo um valor simbólico tremendo.

A mala da menina estava no chão, aberta, com as roupas espalhadas. Kosi estava postada ao lado, segurando com as pontas dos dedos um pacote de camisinhas.

‘Para que isso? Hein? Você veio para minha casa para ser uma prostituta?’

A menina olhou para baixo primeiro, em silêncio, e depois encarou Kosi e disse baixinho: ‘No meu último emprego, o marido da senhora estava sempre me forçando’. [...]

‘O último patrão a estuprava, por isso ela decidiu se proteger dessa vez’, disse Obinze. (ADICHIE, 2014, p. 42).

The girl’s bag was on the floor, open, clothing fluffing out. Kosi stood beside it, holding up, at the tips of her fingers, a packet of condoms.

‘What is this for? Eh? You came to my house to be a prostitute?’

The girl looked down at first, silent, then she looked to Kosi in the face and said quietly, ‘In my last job, my madam’s husband was always forcing me.’ [...]

‘Her former employer raped her so she decided to protect herself this time,’ Obinze said. (ADICHIE, 2013, p. 41-42).

Em poucas linhas, essa cena apresenta diversos problemas enfrentados pela mulher negra e pobre. Em primeiro lugar, a invasão de privacidade exercida pela patroa, exigindo revirar seus pertences antes de aceitá-la como funcionária. Em segundo lugar, o julgamento que uma mulher faz da outra, ao se deparar com camisinhas, ilustrando o discurso veiculado que mulheres sexualmente ativas têm caráter duvidoso. Em terceiro lugar, a conformidade da empregada doméstica diante do estupro. A mulher retratada na cena acima certamente foi condicionada a aceitar situações constrangedoras diversas, e nem passa por sua cabeça levantar a voz para dizer não.

Se as construções discursivas são injustas com sujeitas nascidas sob a definição mulher, estas são ainda piores com aquelas nascidas sobre a definição

mulher e negro, visto que o segundo foi historicamente oprimido pela hegemonia branca eurocêntrica. Em *Peles negras, máscaras brancas* (2008), Fanon declara:

Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. (FANON, 2008, p. 104).

Observamos, pois, que o negro sofre com a imposição hegemônica ocidental violenta, também ilustrada pela empregada doméstica de *Americanah*, desacreditada do poder que tem sobre o próprio corpo. Essa personagem vivencia uma interseccionalidade de exclusões. A partir dela podemos notar a força das estratégias discursivas executadas de forma a manter as minorias silenciadas.

O que mais nos atrai nas obras componentes do *corpus* da pesquisa é o posicionamento das protagonistas adichianas, que rompem com tais padrões, conscientemente ou não, rejeitando o lugar de subalternidade que lhes foi imposto.

2.3 SUJEITOS DIASPÓRICOS, SUBALTERNIDADE E COLONIALISMO

A condição de subalternidade é vivida por aqueles que são subordinados e inferiorizados em relação aos outros e, dadas as divisões de classes sociais, fazem parte de níveis mais baixos, sendo excluídos dos âmbitos de representação política e legal, além da perspectiva de participação plena no status social dominante. De acordo com Siega (2015, p. 102), o termo “subalternidade” tem sido utilizado indiscriminadamente como uma “[...] alternativa à narração que as elites fazem dos grupos dominados”. Nessa perspectiva, o conceito perderia a conexão com a teoria gramsciana, que afirma haver uma saída da condição de subalterno, a partir da “formação crítica de uma consciência de classe” (SIEGA, 2015, p. 102):

A perspectiva gramsciana de subalternidade, ancorada no princípio da luta de classes, se vale da necessidade de historicização para a compreensão de determinado evento, fenômeno ou grupo social. [...] Somente a partir de um entendimento do percurso histórico desses grupos, seria possível, para Gramsci, compreender a história de uma nação como um todo, percebendo as causas da origem e da difusão dos movimentos coletivos que dela fazem parte. (SIEGA, 2015, p. 102-103).

Spivak (2010), entretanto, afirma que, ao invés de se pensar a noção de subalternidade delimitada por teóricos do ocidente, deve-se considerar que, ao deslocar a formulação para o contexto pós-colonial, os sentidos do que seria um sujeito subalternizado modificam-se. A teórica sugere, então, pensar na noção de feminino, que foi utilizada por variedades da crítica feminista. No cenário proposto por Spivak, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser construída pelas próprias mulheres, quando diferenças étnicas e classe social se agrupam sob essa relação. Em outras palavras, o local de subalternidade ocupado pela mulher – duplamente, no caso da mulher negra, e triplamente, pela mulher negra e pobre – a silencia. Assim, os estudos subalternos devem levar em conta essa realidade, evidenciando-a em busca de mudanças. Partindo desse argumento, apontamos a possibilidade de observação de diferentes níveis de subalternidade na representação de personagens negras de Adichie (THIBES; CARVALHO, 2013).

De acordo com a teórica indiana, devido à violência do imperialismo, tanto social quanto disciplinar, os estudos subalternos têm a necessidade de se voltar para a prática textual que exponha as diferenças. O objeto de estudo torna-se o desvio de um ideal, um padrão definido pelo dominador, e as pessoas no lugar de subalternas, que se definem como diferentes da elite colonizadora. Em suma, perscruta-se o outro – o que não está em conformidade com os padrões ocidentais. Dessa forma, optamos por categorizar as protagonistas adichieanas como ocupantes de um grupo subalterno, mesmo que, devido a diversos fatores, Ifemelu, Kambili e Olanna se façam ouvir. Entretanto, a marca da subalternidade sempre paira sobre as opiniões expressadas por essas mulheres, que lutam todos os dias por reconhecimento na mesma proporção que os ocupantes dos grupos hegemônicos lutam para se manter no poder.

Outro fator relevante para a pesquisa é a questão do não tão distante passado colonial da Nigéria, e sua interferência no contexto das narrativas.

Partindo do princípio de que os três romances – *Meio sol amarelo* (2008), *Hibisco roxo* (2011) e *Americanah* (2014) – desenvolvem-se em contexto nigeriano pós-independência do Reino Unido, as obras de Adichie nos dão oportunidade para investigar a intervenção da imposição europeia nos costumes nigerianos. Trazendo os estudos de Aimé Césaire para o contexto da análise, considera-se que

É um facto que a maior parte dos países negros vive sob o regime colonial. Mesmo um país independente como o Haiti é, com efeito, em muitos aspectos, um país semicolonial. E mesmo os nossos irmãos americanos estão colocados, através do jugo da discriminação racial, de um modo artificial e no seio de uma grande nação moderna, numa situação que só se compreende por referência a um colonialismo que foi certamente abolido, mas cujas sequelas não deixam de ressoar no presente. (CÉSAIRE, 2011, p. 253).

Césaire atesta que mesmo no contexto estadunidense, considerado pós-moderno, há forte influência do colonialismo, sendo essa a única explicação plausível para a marca da discriminação racial existente no país, observação que consideramos válida ainda hoje. Na análise de *Americanah*, temos a possibilidade de averiguar a presença dessa discriminação nas passagens ambientadas nos EUA, em que investigamos se há no romance, de fato, marcas de um passado colonial enraizado. Uma vez que essa obra é a mais objetiva das três ao relatar os impactos das questões de raça, etnia e gênero nas vidas de mulheres negras africanas e afro-americanas, além de cobrir um espaço físico mais abrangente ao retratar a trajetória da protagonista da Nigéria aos EUA, e de volta à Nigéria, acreditamos ser a fonte mais completa para levantar indagações acerca das influências do colonialismo e do pós-colonialismo na representação da mulher negra. Em um post de seu blog, Ifemelu discorre:

Já viu como, nesses programas de televisão que transformam a aparência da pessoa, as mulheres negras sempre têm o cabelo natural (crespo, enrolado, pixaim) na foto feia do “antes” e como, na foto bonita do “depois”, alguém pegou um pedaço de metal quente e queimou o cabelo delas para ficar liso? [...] Imagine se Michelle Obama se cansasse de toda aquela escova, decidisse usar o cabelo natural e aparecesse na televisão com o cabelo parecendo algodão, ou com ele bem crespo? [...] Ela ia ficar linda, mas o pobre do Obama sem dúvida ia perder o voto dos independentes e até dos democratas indecisos. (ADICHIE, 2014, p. 321-322).

Ever notice makeover shows on TV, how the black woman has natural hair (coarse, coily, kinky or curly) in the ugly “before” picture, and in the pretty “after” picture, somebody’s taken a hot piece of metal and singed her hair straight? [...] Imagine if Michelle Obama got tired of all the heat and decided to go natural and appeared on TV with lots of wooly hair, or tight spirally curls. [...] She would totally rock but poor Obama would certainly lose the independent vote, even the undecided Democrat vote. (ADICHIE, 2013, p. 367-368).

A personagem, enquanto observadora e questionadora do ambiente a sua volta, expõe argumentos a partir de seu lugar de fala – mulher negra africana-nigeriana – proporcionando ao leitor uma perspectiva ao mesmo tempo abrangente e direta, das vivências da sujeita que integra mais de uma categoria minoritária.

Acompanhamos, então, a mudança na perspectiva de Ifemelu, que, após anos aderindo aos valores da sociedade estadunidense, percebe uma mudança maior do que gostaria, afastando-se de suas raízes e crenças nigerianas. Ao fazê-lo, ela opta por criar o blog – “Raceteenth Or Various Observations About American Blacks (Those Formerly Known As Negroes) By A Non-American Black”⁴ – externalizando as situações curiosas e/ou desagradáveis que observou devido a diferenças culturais, à procura de identificação com outras pessoas. Ifemelu tem, dessa forma, a possibilidade de publicar o ponto de vista de uma cidadã africana, que difere do afro-americano devido à realidade diferente em que foram criados. Seus *posts* são de extrema importância para a compreensão do que é ser negro nos Estados Unidos, fato que muitos imigrantes desconhecem ao se mudar para o país.

O que nos leva a mais um tópico explorado nos romances de Adichie: as particularidades do sujeito diaspórico, presente nas três narrativas, e condizente com o contexto nigeriano pós-independência. De acordo com Susana Maestro,

En África existen datos ‘objetivos’ de empobrecimiento: supresión de empleos en la Función Pública, bajada de las remuneraciones públicas, crisis en la venta de materias primas, alza de los precios de alimentos básicos, aumento de los precios de productos agrícolas y medicamentos, carencias alimenticias. (MAESTRO, 2012, p. 2).

⁴ “Raceteenth ou Observações Diversas sobre Negros Americanos (Antigamente Conhecidos como Crioulos) Feitas por uma Negra Não Americana.”

Os sintomas elencados por Maestro são resultados diretos do sistema econômico mundial e funcionam como critérios para medir a pobreza de um país ou continente. É o caso da Nigéria, que, de acordo com a análise de Badi (2012), é considerado um país tanto receptor quanto emissor de migrantes, devido a sua situação econômica e política intermediária – superior a muitos países africanos e inferior a países ocidentais. O país, embora apontado como emergente, sofre devido à instabilidade econômica e política, herança dos mais de cem anos que passou como colônia inglesa. Além disso, o alto índice de corrupção influencia diretamente em serviços de educação, saúde e segurança.

Adichie, como cidadã nigeriana, escreve sobre situações provocadoras de emigração, tais quais as elencadas por Maestro, representando situações que levam as personagens a considerarem sair de seu país, sendo as greves das universidades nigerianas tema recorrente nos romances. Em *Hibisco roxo*, a protagonista Kambili narra um diálogo com os primos:

- Acabamos de desistir de mais uma greve, embora nenhum professor tenha sido pago nos últimos dois meses. Eles dizem que o governo federal não tem dinheiro - contou tia Ifeoma, dando uma risada triste. - Ifukwa, as pessoas estão saindo do país. Phillipa foi embora há dois meses. Lembra da minha amiga Phillipa? [...] Ela agora está dando aulas nos Estados Unidos. Divide uma sala minúscula com outro professor adjunto, mas diz que pelo menos lá os professores recebem. (ADICHIE, 2011, p. 84).

'We just called off yet another strike, even though no lecturer has been paid for the last two months. They tell us the Federal Government has no money.' Aunty Ifeoma chuckled with little humor. 'Ifukwa, people are leaving the country. Phillipa left two months ago. You remember my friend Phillipa? [...] She is now teaching in America. She shares a cramped office with another adjunct professor, but she says at least teachers are paid there.' (ADICHIE, 2005, p. 76).

Enquanto a educação no país é de fato prejudicada devido às greves consecutivas, observamos que em nenhum momento do romance os professores e estudantes de classe média nigerianos cogitam outros países africanos, ou mesmo países asiáticos, como destino. O ideal eurocêntrico está tão enraizado no imaginário dos habitantes da ex-colônia que os únicos países considerados são os europeus e norte-americanos.

Maestro afirma que, devido a essa imposição de um modo de vida ideal, grande parte dos habitantes do Sul adota como objetivo ascender ao modelo de vida ocidental, seja viajando para tais países-modelo, seja consumindo produtos importados. É o que a autora define como “colonização das mentes” (MAESTRO, 2012, p. 3).

As consequências desencadeadas pelo alto grau de evasão têm impacto não apenas em nível global, mas também quando pensamos no indivíduo que está transitando entre estas fronteiras invisíveis. Indivíduo este que está representado nas obras analisadas, preocupadas em retratar a repercussão da viagem quanto a questões identitárias, à adaptação aos costumes estrangeiros e o reconhecimento de si a partir do Outro. De acordo com Carvalho, que propõe a ressignificação do diaspórico,

[...] ser diaspórico é estar na dimensão das identidades sempre incompletas, dispersas geográfica e culturalmente, dispostas em um meio-termo entre valores dominantes ressignificados e uma origem (racial, étnica, religiosa etc) não mais essencializada, deixando abertos os caminhos para novas formas de apreensão e negociação com o texto do mundo. (CARVALHO, 2012, p. 77).

Vale lembrar que, para alguns teóricos, como Badi (2012), ser imigrante pode funcionar como ponto positivo para o país, quando refletimos sobre o alcance que o diário virtual de Ifemelu tem em *Americanah*. A personagem, na posição de *outsider*, pode observar comportamentos habituais que passam despercebidos para a maioria dos habitantes inseridos desde o nascimento na cultura estadunidense. Badi analisa tal processo de troca positiva entre sociedade em um contexto mais amplo, quando afirma:

Las migraciones pueden contribuir al crecimiento económico o a la mejora del bienestar social de ambas sociedades (emisora y receptora) [...]. Se ha demostrado que participan de una manera determinante en la transformación de las culturas, las economías, lo social y lo político en un proceso de interacción constante entre las sociedades, y en el caso africano, pueden generar transformaciones estructurales de las sociedades. (BADI, 2012, p. 24).

Podemos considerar, pois, que tais transformações descritas por Badi ocorrem por diversas vezes em nível individual, contribuindo para o todo. No caso

de *Americanah*, a protagonista não só tem a somar quando registra suas experiências em uma plataforma pública, como quando ela volta para a Nigéria, pode novamente se posicionar como “estrangeira”, observando práticas que lhe eram naturais anteriormente. Logo, apesar das dificuldades não só de adaptação ao modelo hegemônico vigente, mas do despertar e da resistência a esse mesmo modelo, compreendemos a possibilidade de interpretações positivas por alguns teóricos quanto ao processo de migrações. Aproveitando a circunstância aqui especificada, observemos a descrição do termo diáspora realizada por Carvalho, que o caracteriza como

[...] a dispersão de membros de uma nação ou cultura particulares, mas também foi a dispersão e o exílio dos judeus, forçados pelos babilônios, em tempos remotos antes de Cristo e no século II depois de Cristo, pelos romanos. Foi ainda a dispersão violenta de africanos como escravos para o Novo Mundo – a chamada diáspora africana; e tem sido a mais recente dispersão de intelectuais dos países ‘periféricos’ em direção às outrora metrópoles absolutas. (CARVALHO, 2012, p. 77).

Vale lembrar que os grandes processos migratórios são quase sempre motivados pela economia mundial, movimentadora não apenas do capital, mas das pessoas que serão inseridas no modelo capitalista, estando dispostas a isso ou não. Podemos considerar como exemplo as grandes migrações dos séculos passados: as forçadas, em que escravizados eram trazidos para as Américas – e para o resto do mundo – como mão de obra, e as voluntárias, em que países interessados em receber imigrantes facilitavam a migração e a adaptação dos chegados às terras. Em ambos os casos, esses deslocamentos foram realizados para aprimorar a economia dos países colonizadores em detrimento da economia dos colonizados (THIBES; SANTOS, 2017).

No contexto contemporâneo, observamos grandes fluxos migratórios como consequência de más condições de vida nos países marginalizados, seja por guerras frequentes ou infraestrutura defasada. Resta definir se tais migrações seriam consideradas voluntárias ou forçadas, já que, por vezes, as condições contrárias são quase tão persuasivas quanto a imposição violenta de um povo sobre o outro.

Basta observar a situação dos mares que ligam a África à Europa, como o Mar Mediterrâneo, por vezes referido como “cemitério de imigrantes”. Sabendo das circunstâncias adversas enfrentadas ao migrar para a Europa, podemos apenas imaginar as dificuldades que milhares de famílias estão passando na África para optar pelas atribulações passadas no trajeto e na chegada ao “centro”. Salientamos novamente a importância das obras de Adichie, que, de certa forma, buscam dar voz a esses sujeitos silenciados, chamando, novamente, a atenção para o caso específico da mulher negra, subalternizada triplamente, não só ao ser inferiorizada em relação a outros grupos, mas também ao ser submetida a toda sorte de imposições hegemônicas.

Levando em consideração os aspectos presentes nas obras adichieanas e aqui elencados, o capítulo a seguir volta-se para a necessária apresentação dos romances, aprofundando a análise em torno da figura pública da autora nigeriana e qual a sua relevância para a interpretação de suas obras.

3 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: MULHER E OBRA

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à mulher como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio.

Gayatri Spivak, *Pode o subalterno falar?*

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Enugu, no sudeste da Nigéria, no ano de 1977, e foi criada em Nsukka, cidade onde seus pais, James Nwoye Adichie e Grace Ifeoma Adichie, trabalhavam como professores da Universidade da Nigéria. De acordo com a biografia disponível em *The Chimamanda Ngozi Adichie Website*, mantido pela Université de Liège (Bélgica), a escritora completou o ensino básico na escola vinculada à universidade onde seus pais lecionavam e chegou a cursar um ano e meio de medicina e farmácia na mesma instituição. Entretanto, aos dezenove anos, recebeu uma bolsa de estudos para cursar comunicação na Universidade Drexel, na Filadélfia (Estados Unidos), o que serviu como porta de entrada para sua formação estadunidense. Chimamanda graduou-se em Comunicação e Ciência Política pela Universidade Estadual do Leste de Connecticut e obteve seu título de mestra pela Universidade John Hopkins, período em que começava a trabalhar em seu primeiro romance, *Hibisco roxo* ([2003]2011).

Ao pesquisar a biografia da autora, muitas semelhanças são notadas entre ela e suas personagens, havendo a possibilidade de encontrar equivalências entre detalhes de sua vida pessoal e fatos narrados nos três romances sob análise neste trabalho. Suas três protagonistas são do grupo étnico igbo, assim como Chimamanda, e nas três narrativas observamos personagens que vão (ou foram) estudar no exterior graças ao auxílio de bolsas de estudos, sendo Ifemelu a mais próxima de Adichie nesse sentido, ao se formar em Comunicação em uma universidade estadunidense. A protagonista de *Americanah* (2014) também se assemelha à autora ao postar textos *online* que acabam viajando o mundo, alcançando leitores em diversos países, assim como as palestras de Adichie acerca de sua visão de mundo enquanto mulher negra nigeriana, tais quais “The danger of

a single story” (2009) e “We should all be feminists” (2012). Ambos os trabalhos funcionam como ampla divulgação das opiniões de mulheres negras africanas-nigerianas, no sentido da conscientização de um público extenso.

Outra personagem que nos permite traçar um paralelo com a autora é Amaka, a prima de Kambili, em *Hibisco roxo*. Enquanto Kambili divide com Ifemelu a particularidade da criação em lar estritamente religioso – Adichie já afirmou, em entrevista ao *The Guardian* (2013), ter crescido em lar católico, confirmando também que é a religião de escolha de seus pais –, é Amaka quem levanta questionamentos sobre a colonização africana pelo Ocidente, em passagens que parecem saídas diretamente das palestras da autora, como na ocasião em que a personagem problematiza o uso de nomes britânicos na crisma, ao atestar: “Quando os missionários chegaram aqui, eles achavam que os nomes dos povos igbo não eram bons o suficiente. Insistiam para que as pessoas escolhessem um nome inglês antes de serem batizadas. Nós não deveríamos ter progredido?”⁵ (ADICHIE, 2011, p. 286). A prima de Kambili também divide com Adichie o local de criação, Nsukka, assim como o nome e a ocupação da mãe, tia Ifeoma, professora da Universidade da Nigéria.

No romance *Meio sol amarelo* (2008), ao mesmo tempo em que não há uma personagem específica que possa ser relacionada diretamente à autora, sendo Olanna a que mais se aproxima ao ser retratada enquanto intelectual vinculada à Universidade da Nigéria, acreditamos que haja mais características autobiográficas entre as linhas da narrativa do que o leitor pode acompanhar. A própria Chimamanda afirma, nos agradecimentos da obra, que se baseou em histórias reais de pessoas próximas de si, como seus avós e tios.

A esse respeito, a noção de autoficcionalização é uma estratégia de escrita utilizada na literatura contemporânea, em que o autor se coloca no texto. De acordo com Crosariol, muitas vezes “[...] faz-se necessário [para o autor] colocar-se como narrador e personagem da narrativa, de modo que esse tratamento distanciando de si próprio possibilite uma compreensão melhor de sua própria atuação.” (CROSARIOL, 2011, p. 2). Acreditamos que Chimamanda Adichie recorre à

⁵ “When the missionaries first came, they didn’t think Igbo names were good enough. They insisted that people take English names to be baptized. Shouldn’t we be moving ahead?” (ADICHIE, 2005, p. 272).

autoficcionalização como forma de narrar a Nigéria contemporânea, desde as dificuldades vividas em um país de independência relativamente recente e certa instabilidade política e socioeconômica, até a complexidade da migração para países ocidentais, a partir de experiências vividas por ela e por pessoas próximas na mesma situação (THIBES; CARVALHO, 2014).

Enquanto narradora pós-colonial – a partir da perspectiva de Carvalho (2009), que descreve o narrador como representante de seu povo –, a autora teria a “responsabilidade” de escrever sobre e sob o ponto de vista da mulher nigeriana no contexto contemporâneo, o que faz de modo hábil, devido a seu contexto de fala e a suas experiências pessoais. Vale ressaltar que Chimamanda Adichie produz em um contexto pós-moderno, mas aqui a consideramos pós-colonial devido às especificidades de suas narrativas. De acordo com Carvalho (2012), o ambiente de representação pós-colonial

[...] tem como características gerais aquelas que definem o campo teórico dos Estudos Culturais Pós-Coloniais, além da especificidade da comunhão, entre seus possíveis canonizados, da mestiçagem da pele e da cultura de povos de maioria negra, certa noção de insularidade de seu imaginário, a rasura-homenagem aos gêneros tradicionais, certo caráter diaspórico de suas atuações sociais e simbólicas, bem como o desrecalque de vozes e textos calados pela historiografia tradicional. (CARVALHO, 2012, p. 97).

Logo, a partir dessa delimitação sugerida por Carvalho, a deslocamos de seu lugar de enunciação pós-moderno para entendê-la como pós-colonial devido às temáticas endereçadas pela autora, além de sua forma de se posicionar diante da influência ocidental na Nigéria. Adichie pode ser encontrada nas páginas de seus romances, seja pelas condições e oportunidades que foram oferecidas às protagonistas, seja pelas decisões que foram tomadas diante dessas oportunidades.

3.1 A INDISPENSABILIDADE DE ADICHIE NO SÉCULO XXI

O engajamento social tem por definição o ato de se comprometer a algo, além da participação em questões políticas e sociais. São considerados engajados aqueles que estão empenhados em causas elegidas devido a fatores interno-externos, tomando uma posição de luta perante às atribuições que o cercam. Nessa perspectiva, apontamos Adichie como personalidade conhecida por seu engajamento social, evidenciado em diversas plataformas midiáticas. Plataformas essas que podem ser enquadradas como meios a serviço do social, uma vez que expõem uma variação abrangente de posicionamentos em relação às perspectivas hegemônicas, abordando temas políticos e socioculturais.

No âmbito do convívio social, se encontra o intelectual engajado, o sujeito que aplica seus estudos e conhecimentos para lutar por causas comuns e emancipatórias. Escritoras(es), a exemplo de Adichie, que por meio de suas obras, podem expor suas ideias em busca de melhores condições para a realidade de um povo, tendo a coletividade como centro de sua narrativa. Segundo o estudo de Donizeth Santos, esse sujeito intelectual é incapaz de aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, indo contra o esperado, e é geralmente visto como agitador da paz pelos mais interessados em manter padrões hegemônicos que os conservam no poder: “Para o próprio Edward Said, o intelectual é um *outsider*, um perturbador do *status quo*, ou seja, não é nem um pacificador nem um criador de consenso.” (SANTOS, 2009, p. 3). Considerando o conjunto da obra de Adichie, somado a sua formação acadêmica, a autora será aqui entendida como intelectual engajada, além da já estabelecida condição de diaspórica e de seu atual reconhecimento internacional enquanto ícone feminista.

Vale ressaltar a importância dos veículos midiáticos para os esforços voltados ao aumento da representatividade em meio aos produtos da mídia hegemônica que ignoram ou estereotipam esses grupos. Por esse ângulo, as publicações de Adichie, entre romances, contos, artigos e manifestos, se fazem indispensáveis para apresentar um retrato mais próximo do nigeriano do século XXI. Nesse sentido, Bhabha afirma que

A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzirá uma história de progresso civil, um espaço para o *Socius*; seu presente, desmembrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia da aparência e realidade. (BHABHA, 2013, p. 80).

Portanto, o papel das publicações provenientes de pessoas africanas negras que vêm conquistando visibilidade em nível internacional recentemente – tal qual Chimamanda – seria o de ir de encontro ao que Bhabha chama de “ato de violência epistemológica” partindo do homem branco para o homem negro. Ou seja, atuar enquanto intelectual de forma a representar o negro livre de estereótipos, contribuindo para o ecoar da voz do antes silenciado e invisibilizado.

A partir dessa perspectiva, frisamos que, com o propósito de analisar a relevância da escritora no contexto contemporâneo, a compreendemos aqui não como pessoa, mas como símbolo de intelectual engajada, diaspórica e feminista, visto que nosso intuito é entender de que forma sua persona pública dialoga com suas obras. Acreditamos, portanto, que o conjunto da obra adichieana contribui para a pertinência da literatura como fonte de questionamentos e veículo de militância política, social, sexual, cultural etc. Adichie está situada em um grupo de autores contemporâneos que escolhem o engajamento pela literatura. Dessa forma, debates acerca da condição do outro deixam o âmbito exclusivamente acadêmico para alcançar outras esferas, atingindo os maiores interessados nas temáticas abordadas pela autora.

3.2 VALIOSAS TEMÁTICAS: RETRATOS DA NIGÉRIA CONTEMPORÂNEA

A República Federal da Nigéria está localizada na África Ocidental, compartilhando fronteiras com a República do Benim, Chade, Camarões e Níger, além do trecho costeiro voltado para o Oceano Atlântico. O país é, atualmente, líder dos índices econômicos, populacionais e militares no continente africano (FILIPPI;

XAVIER, 2017), apesar de sua história marcada por uma guerra civil⁶ – narrada em *Meio sol amarelo* (2008) –, diversos golpes de Estado e períodos republicanos. Entretanto, apesar de seu destaque em relação a seus vizinhos africanos, a economia nigeriana ainda está em desenvolvimento, ao passo que enfrenta uma crise política e de segurança, momento em que o Sul e o Norte do país se encontram fragmentados devido a crenças e situações econômicas desiguais.

Com um passado colonial recente, a Nigéria conquistou sua independência do Reino Unido em 1960, após mais de um século e meio de interferência britânica. Devido ao pouco tempo de autonomia, em comparação com o tempo sob governo europeu, ainda podem ser observadas as marcas da colonização no contexto contemporâneo, que refletem nas vidas dos cidadãos nigerianos. Um exemplo do vestígio da imposição ocidental é a forte presença do cristianismo no país, principalmente no Sul (FILIPPI; XAVIER, 2017), desencadeando boa parte das discordâncias étnicas atuais.

Nesse contexto se encontram os romances de Adichie aqui analisados, que apresentam acontecimentos em três diferentes momentos da história da Nigéria enquanto país independente: *Meio sol amarelo* (2008) nos anos 1960, durante a guerra Nigéria-Biafra; *Hibisco roxo* (2011) nos anos 1990, durante um dos diversos golpes militares; *Americanah* (2014) entre os anos 1990 e 2000, durante as crises econômicas do país e o grande volume de migrações para o ocidente. Ao inserir suas narrativas em momentos reais da história nigeriana, a autora pode explorar temáticas que, ao mesmo tempo que são específicas do país, encontram identificação em diversas outras nações com passado semelhante. Concomitantemente, Chimamanda busca atrair atenção para aspectos políticos, econômicos e socioculturais da Nigéria, incluindo a posição atual do país enquanto potência em desenvolvimento. Em *Hibisco roxo*, tia Ifeoma reflete:

Existem pessoas [...] que acham que nós não conseguimos governar nosso próprio país, pois nas poucas vezes em que tentamos nós falhamos, como se todos os outros que se governam hoje em dia tivessem acertado de primeira. É como dizer a um bebê que está engatinhando, tenta andar e cai de bunda no chão que ele deve permanecer no chão. Como se todos os adultos que passam

⁶ Guerra Civil da Nigéria, também conhecida como Guerra Civil Nigeriana, Guerra Nigéria-Biafra ou ainda Guerra do Biafra, que durou de 1967 a 1970.

por ele também não houvessem engatinhado um dia. (ADICHIE, 2011, p. 315).

There are people [...] who think that we cannot rule ourselves because the few times we tried, we failed, as if all the others who rule themselves today got it right the first time. It is like telling a crawling baby who tries to walk, and then falls back on his buttocks, to stay there. As if the adults walking past him did not all crawl, once. (ADICHIE, 2005, p. 293).

Ao introduzir personagens envolvidas com assuntos acadêmicos, como professoras e alunas universitárias, a escritora nigeriana tem a oportunidade de explorar tais aspectos de forma mais aprofundada sem perder o caráter verossímil dos romances. Com essa manobra, suas histórias alcançam diferentes níveis sociais, ilustrando de forma descomplexificada temas importantes para a compreensão da posição atual da Nigéria em rankings geográficos internacionais.

Assim, apresentamos nos subtópicos a seguir uma breve análise dos principais conteúdos abordados em cada obra componente do *corpus* proposto. Dessa maneira, aspiramos por uma compreensão mais efetiva da abrangência das narrativas adichieanas como veículo de militância, pressupondo que os questionamentos levantados alcançam contextos mais inclusivos, chegando a ambientes periféricos de forma gradativa. Tal pressuposto se impõe devido à popularidade dos livros de Chimamanda entre instituições de ensino básico de diversos países, que os incorporam nas listas de leituras requeridas no início de cada ano letivo. Nos Estados Unidos, por exemplo, suas obras aparecem em milhares de listas escolares. De acordo com Dave Eggers (2017), praticamente todos os estudantes estadunidenses com idades entre quatorze e vinte e dois anos tiveram acesso ao trabalho da nigeriana. Já na Suécia, seu ensaio *Sejamos todos feministas* (2015) foi distribuído para todos os jovens de dezesseis anos que frequentavam o segundo ano do ensino médio, em uma campanha de 2015 organizada pelo grupo *Swedish Women's Lobby* e pela editora Albert Bonniers. Seu romance mais recente, *Americanah*, figura em grande parte das listas de leituras indispensáveis de sites de conteúdos diversos, alcançando os mais variados públicos.

3.2.1 *Hibisco roxo*

Numa apresentação sistematizada, eis a sinopse do romance *Hibisco roxo* (2011), disponibilizada pelo *website* do Grupo Companhia das Letras, editora que veicula os romances de Chimamanda no Brasil:

Protagonista e narradora de *Hibisco roxo*, a adolescente Kambili mostra como a religiosidade extremamente ‘branca’ e católica de seu pai, Eugene, famoso industrial nigeriano, inferniza e destrói lentamente a vida de toda a família. O pavor de Eugene às tradições primitivas do povo nigeriano é tamanho que ele chega a rejeitar o pai, contador de histórias encantador, e a irmã, professora universitária esclarecida, temendo o inferno. Mas, apesar de sua clara violência e opressão, Eugene é benfeitor dos pobres e, estranhamente, apoia o jornal mais progressista do país. Durante uma temporada na casa de sua tia, Kambili acaba se apaixonando por um padre que é obrigado a deixar a Nigéria, por falta de segurança e de perspectiva de futuro. Enquanto narra as aventuras e desventuras de Kambili e de sua família, o romance também apresenta um retrato contundente e original da Nigéria atual, mostrando os remanescentes invasivos da colonização tanto no próprio país, como, certamente, também no resto do continente. (Grupo Companhia das Letras, 2017, *online*).

A principal temática abordada no romance de estreia de Adichie é a presença do cristianismo na Nigéria, imposta por colonizadores brancos e tomando proporções desmedidas. O catolicismo é seguido à risca pela família da protagonista que, por diversas vezes, é mais devota aos dogmas da igreja que os próprios sacerdotes. Isso faz com que o pai de Kambili se torne um homem respeitado e temido pela comunidade, mesmo por aqueles considerados tradicionalistas – ou pagãos, do ponto de vista cristão –, que seguem as religiões africanas antigas.

Chinua Achebe, um dos nomes nigerianos mais relevantes internacionalmente, considerado o fundador da literatura africana contemporânea, já abordou o tema em *O mundo se despedaça* ([1958] 2009), ao descrever a chegada do branco nas tribos nigerianas como algo interpretado inicialmente de forma inocente e cômica pelos autóctones, para tomar dimensões maiores em pouco tempo, modificando a vida nas vilas. Em uma conversa entre o protagonista de Achebe, Okonkwo, e outro membro de sua tribo, Obierika, pode-se notar a

mudança na percepção do real propósito do homem branco nas tribos igbo. Ao mesmo tempo em que Obierika acredita que a língua é o principal empecilho para o entendimento cultural entre os grupos distintos, ele atesta a “esperteza” do colonizador, ao demonstrar pouca ameaça ao grupo inicialmente, dividindo-o para conquistar:

- Como é que ele pode entender, se nem sequer fala a nossa língua? Mas declara que nossos costumes são ruins; e nossos próprios irmãos, que adotaram a religião dele, também declaram que nossos costumes não prestam. [...] O homem branco é muito esperto. Chegou calma e pacificamente com sua religião. Nós achamos graça nas bobagens deles e permitimos que ficasse em nossa terra. Agora, ele conquistou até nossos irmãos, e o nosso clã já não pode atuar como tal. (ACHEBE, 2009, p. 131-132).

O que Obierika não parece atentar é para a esperteza do colonizador ao não se preocupar em entender a língua dos autóctones, impondo seu próprio idioma à medida que impõe suas crenças e costumes. De acordo com Décio Cruz, “[...] os ingleses nunca subestimaram a importância da língua, seja na disseminação de sua língua, literatura e cultura, seja através da separação dos escravos [...]” (CRUZ, 2016, p. 53). Para o teórico, a imposição linguística trouxe vantagens para a expansão imperialista no decorrer da História, tendo como melhor exemplo as línguas românicas que surgiram do latim, imposto pelo império romano ao longo de suas conquistas.

No romance de Achebe, acompanhamos o início da imposição cristã em ocorrência sincrônica com a imposição linguística, enquanto na obra adichieana, observamos as consequências dos anos de exposição às crenças ocidentais. Entretanto, através do olhar ancião de Papa-Nnukwu, o avô de Kambili, encontramos similaridades na ilustração do primeiro contato das tribos nigerianas com os missionários britânicos. O idoso, considerado um tradicionalista por seguir a religião anterior à chegada dos europeus, narra a aparição do padre branco em sua tribo anos atrás, e seus questionamentos acerca das crenças cristãs:

- Lembro do primeiro que apareceu em Abba, o que chamavam de Padi John. [...] À tarde, eles reuniam as crianças debaixo da árvore de *ukwa* que há na missão e ensinavam suas religiões a elas. [...] Um dia, perguntei: ‘Onde fica esse deus que vocês adoram?’. Eles disseram que o deus deles era como *Chukwu*, que ele morava no céu. E eu perguntei: ‘Quem é essa pessoa que foi morta, essa que

fica pendurada na madeira do lado de fora da missão?'. Eles disseram que era o filho, mas que o filho e o pai eram iguais. Foi então que eu tive certeza de que o branco era louco. O filho e o pai iguais? *Tufia!* (ADICHIE, 2011, p. 92-93).

'I remember the first one that came to Abba, the one they called Fada John. [...] In the afternoon they gathered the children under the *ukwa* tree in the mission and taught them their religion. [...] One day I said to them, Where is this god you worship? They said he was like *Chukwu*, that he was in the sky. I asked then, Who is the person that was killed, the person that hangs on the wood outside the mission? They said he was the son, but that the son and the father are equal. It was then that I knew that the white man was mad. The father and the son are equal? *Tufia!* (ADICHIE, 2005, p. 84).

Para Papa-Nnukwu, o motivo de seu filho ter virado as costas para as tradições familiares encontra-se nos próprios dogmas cristãos. Ao obter explicações rasas sobre símbolos do catolicismo, o homem conclui que a religião por ele desconhecida prega a igualdade nas relações familiares, em oposição à hierarquia em que ele acredita e criou seus filhos. Para ele, essa seria a única razão para que Eugene se voltasse contra o pai e suas crenças. Entretanto, podemos interpretar que o pai de Kambili foi seduzido pela ideia de superioridade branca, ao encontrar o que acreditou ser aceitação na igreja católica. Assim como Nwoye, filho de Okonkwo, em *O mundo se despedaça*, Eugene adere à nova crença acreditando em um ideal igualitário perante o deus cristão, o que o faz agir em função da equiparação com o homem branco. Em *Hibisco roxo*, Adichie não deixa clara outra razão para essa conversão, ao passo que, em *O mundo se despedaça*, Nwoye também se vê acolhido pelos missionários cristãos, após ser rejeitado por seu próprio pai como fraco e afeminado. Ao se converterem, as personagens crescem tendo como modelo os ideais cristãos europeus, mesmo que nunca os alcancem. As noções de certo e errado de Eugene e Nwoye são moldadas em torno das crenças do outro, assim como as de cultura e civilidade.

A título de elucidação teórica, Césaire (2011) afirma: “[...] sempre que houve colonização, povos inteiros foram esvaziados da sua cultura, esvaziados de toda a cultura” (p. 258). Na narrativa aqui abordada, esse esvaziamento cultural ocorre devido à demonização dos costumes africanos, assimilados enquanto tradições pagãs pelos cristãos. Logo, para os seguidores africanos da religião europeia, é expectável haver um complexo de inferioridade proveniente da convicção de que a cultura nacional é inadequada. Vale lembrar que “[...] o famoso complexo de

inferioridade que se gosta de assinalar nos colonizados não é um acaso. É o resultado procurado pelo colonizador” (CÉSAIRE, 2011, p. 269). Assim, passamos a encontrar sentido na postura do colonizador, que impõe sua cultura e exige que o colonizado a siga sem intenções de aceitá-lo como igual, como forma de controle social.

Através do relato de Fanon (2008), compreendemos o sistema intrincado que estabelece as relações de poder que surgiram nas colônias, territórios que, mesmo após conquistarem o status de países independentes, não se desvencilharam das marcas do passado colonial recente. O psiquiatra discorre sobre o desejo do negro de ser branco, de se aproximar da cultura branca, justificando essa necessidade devido à vivência em uma sociedade que “torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo” (FANON, 2008, p. 95). Para ele, o negro é colocado em “situação neurótica” graças às dificuldades que lhe são causadas por essa sociedade que afirma a superioridade de uma raça.

Além desse complexo de inferioridade, há ainda a problemática do sucateamento das ex-colônias, o que acaba forçando o cidadão nigeriano – no caso das obras aqui analisadas – a migrar para o ocidente em busca de melhores condições. Assim, diversas personagens adichieanas migram para o Norte em busca do modelo ocidental que lhes foi imposto como referência de civilidade. Os três romances de Adichie nos permitem acompanhar diversas fases desse processo de migração, desde a decisão de mudança para países ocidentais, passando pelos preparativos e a vivência enquanto africano no exterior e, por fim, a volta para a Nigéria e seus desdobramentos. Em *Hibisco roxo* (2008), a partir da decisão de tia Ifeoma de mudar-se para os Estados Unidos com os filhos em virtude da falta de pagamento da Universidade de Nsukka, são representados os dois pontos de vista relativos à busca por melhores condições de vida em outro país. Amaka e Obiora, irmãos com pontos de vista opostos, discutem:

- Como assim, ir embora? Por que precisamos fugir do nosso próprio país? Por que não podemos consertá-lo? – perguntou Amaka.
- Consertar o quê? [...]
- Então temos de fugir? Essa é a resposta, fugir? [...]
- Não é fugir, é ser realista. Quando chegar a hora de estudarmos na universidade, todos os professores bons vão ter se cansado de

todo esse absurdo e já vão ter se mudado para o exterior. (ADICHIE, 2011, p. 244-245).

‘What do you mean, leave? Why do we have to run away from our own country? Why can’t we fix it?’ Amaka asked.

‘Fix what?’ [...]

‘So we have to run away? That’s the answer, running away?’ [...]

‘It’s not running away, it’s being realistic. By the time we get into university, the good professor will be fed up with all this nonsense and they will go abroad.’ (ADICHIE, 2005, p. 232).

Os dois jovens têm argumentos contrastantes, que são igualmente válidos. Enquanto Obiora pensa no próprio futuro, e em como terá poucas chances de acesso a uma educação de qualidade se continuar morando em um país com o ensino sucateado, Amaka assume postura patriótica, ao colocar as necessidades do local em que nasceu à frente das suas. Para a moça, “fugir” não é a solução, mas sim lutar para que as gerações futuras também não tenham que migrar para o Norte. Amaka parece compartilhar do ponto de vista da mãe, que acredita no desenvolvimento da Nigéria e que, ao desistir de sua terra, estará privando-a da possibilidade de “crescimento”. Entretanto, apesar de sua crença esperançosa em relação ao futuro da nação, tia Ifeoma prioriza o futuro de seus filhos, emigrando para os Estados Unidos em busca de melhor oportunidade para a família.

3.2.2 Meio sol amarelo

A seguir, sinopse do romance *Meio sol amarelo* (2008) disponibilizada pelo Grupo Companhia das Letras:

Filha de uma família rica e importante da Nigéria, Olanna rejeita participar do jogo do poder que seu pai lhe reservara em Lagos. Parte, então, para Nsukka, a fim de lecionar na universidade local e viver perto do amante, o revolucionário nacionalista Odenigbo. Sua irmã Kainene de certo modo encampa seu destino. Com seu jeito altivo e pragmático, ela circula pela alta roda flertando com militares e fechando contratos milionários. Gêmeas não idênticas, elas representam os dois lados de uma nação dividida, mas presa a

indissolúveis laços germanos - condição que explode na sangrenta guerra que se segue à tentativa de secessão e criação do estado independente de Biafra. (Grupo Companhia das Letras, 2017, *online*).

No romance de 2006, os horrores da guerra são contados por Chimamanda do ponto de vista de três personagens-chave, de forma a abranger diferentes perspectivas da experiência vivida na Nigéria dos anos 60, tanto no contexto pós-independência e pré-guerra, quanto no final da década, quando de fato deflagrou-se o conflito entre igbos e demais etnias. Os capítulos do romance se organizam em um sistema de rodízio, priorizando o olhar de Olanna, Ugwu ou Richard, que percorrem trajetórias unificadas por variados motivos. Aqui, privilegiamos situações narradas a partir do olhar de Ugwu e Richard, uma vez que Olanna terá seu próprio tópico mais adiante, em virtude de sua condição feminina somada à situação tormentosa da guerra civil.

Ugwu e Richard simbolizam extremidades opostas dos castigados pela guerra: o primeiro, um jovem nigeriano oriundo de uma vila com poucos recursos no interior da Nigéria, e o segundo, um escritor britânico interessado na cultura e arte igbo.

O jovem aldeão ocupa posição inferior aos demais personagens devido a seu posto de serviçal, trabalhando na limpeza e manutenção da casa de Odenigbo, o companheiro de Olanna. Através da narrativa, verifica-se que o posto ocupado por Ugwu é comum em muitas casas nigerianas, onde os moradores têm a sua disposição criados que habitam a própria residência, na maioria das vezes realizando seu trabalho em troca de abrigo e comida. A situação de Ugwu é descrita como satisfatória (e atípica), visto que o rapaz tem direito a uma cama, a escolher o cardápio que irá cozinhar para seus patrões e a outros pequenos detalhes que o elevam à condição de humano.

O lugar de criadagem de Ugwu também o coloca em posição mais vulnerável no decorrer da guerra, tornando-o alvo fácil para o recrutamento involuntário realizado por grupos pertencentes ao exército de Biafra. O jovem igbo é inevitavelmente forçado a se juntar aos guerrilheiros, o que lhe rende sentimentos conflituosos. Ao mesmo tempo em que não gostaria de participar dos combates armados e presenciar os horrores da guerra, Ugwu se sente cumprindo sua responsabilidade para a independência de Biafra, ao tomar parte de algo que

considera maior que ele mesmo. Entretanto, se sentir pertencente ao grupo toma dimensões inesperadas quando o aldeão participa do estupro coletivo de uma garçoneite, após ceder à pressão de seus colegas. A passagem sobre o ato é descrita de seu ponto de vista, revelando os conflitos internos do rapaz:

No chão, a moça não se mexia. Ugwu desceu a calça, surpreso com a rapidez de sua ereção. Ela estava seca e tensa quando entrou nela. Ugwu não olhou para o rosto dela, nem para o homem segurando seus ombros, nem para nada, enquanto se movia rapidamente e sentia seu próprio clímax, a onda de fluidos chegando: um desafogo de auto-repulsão. (ADICHIE, 2008, p. 423).

On the floor, the girl was still. Ugwu pulled his trousers down, surprised at the swiftness of his erection. She was dry and tense when he entered her. He did not look at her face, or at the man pinning her down, or at anything at all as he moved quickly and felt his own climax, the rush of fluids to the tips of himself: a self-loathing release. (ADICHIE, 2006, p. 458).

O ato violento do estupro da “moça do bar” (assim referida no romance) reflete a necessidade dos componentes do batalhão de Ugwu de reforçar uma posição de poder fraquejada pelas consecutivas derrotas na guerra. Para Spivak, “[...] o estupro grupal perpetrado pelos conquistadores é uma celebração metonímica da aquisição territorial.” (SPIVAK, 2010, p. 110). A teórica indiana fala dos estupros cometidos por muçulmanos a viúvas de guerra na Índia, mas aqui traçamos um paralelo com a situação narrada por Adichie, enxergando a ação dos guerrilheiros enquanto conquista territorial. Para além disso, observamos que o estupro é uma das marcas históricas dos processos de colonização, praticado como forma de dominação pelos autodenominados conquistadores. Cruz compara a invasão territorial com a invasão do corpo feminino, ao afirmar:

A visão da terra e da mulher na condição de submissão, como algo a serviço do homem branco europeu para ser literalmente estuprada ou usada de acordo com a sua conveniência foi a imagem trazida pelos colonizadores e disseminada ao longo do processo colonial. (CRUZ, 2016, p. 229).

Considerando o estupro como uma das mais conhecidas formas de dominação da História mundial, não podemos afirmar que o ato cometido pelo grupo de Ugwu sofreu influência direta dos anos de convivência com o colonizador

européu. Contudo, não ignoramos o contexto pós-colônia em que o romance se passa, quando os habitantes do território nigeriano tiveram, de fato, contato com a brutalidade e as diversas formas de imposição britânica. Os soldados lutando por Biafra se organizam a partir dos conhecimentos de batalha ocidentais, com uniformes que imitam os padrões das grandes guerras, discutindo “operações” em seu “quartel-general”, se diferenciando dos “civis”, de forma a realizar a grande “performance” do que eles aprenderam que seria uma guerra civil. Assim, acreditamos ser possível estabelecer uma conexão entre o estupro da moça do bar e os diversos estupros (além de outras formas de abuso) que esses soldados assimilaram ao presenciar o colonizador impor sua superioridade às tribos nigerianas.

No outro extremo dos atingidos pela Guerra de Biafra encontra-se Richard, o escritor britânico que se muda para a Nigéria no início dos anos 60 para buscar inspiração nas obras de arte Igbo-Ukwu. A pretensão de Richard ao migrar para o país africano é ter contato direto com a cultura, de forma a escrever um livro a partir de sua própria vivência. A decisão do britânico revela uma visão romantizada da África, e do que ele acredita que seria sua experiência como “cidadão do mundo”. No entanto, o escritor passa boa parte de seus primeiros anos no país se desvencilhando da própria cultura europeia, visto que as pessoas com que se relaciona se esforçam para mantê-lo confortável na redoma britânica criada em território nigeriano.

Entre as pessoas que procuram proteger Richard da “incivilidade” nigeriana, está sua namorada Susan, mulher britânica que, apesar de morar na Nigéria há anos, frequenta apenas eventos organizados por pessoas de seu próprio continente. São as festas de expatriados, as quais o escritor comparece contra a própria vontade, para satisfazer a companheira. Nessas reuniões, os convidados aproveitam para trocar impressões sobre a vida no país africano sem a preocupação de ofender o povo nigeriano. São momentos em que Richard se sente deslocado, pois tem uma visão diferente dos outros imigrantes britânicos. Como na passagem narrada a seguir:

Sentia-se incomodado no meio daqueles homens. Eram quase todos ingleses, ex-administradores da ex-colônia, empresários da John Holt, Kingsway, GB Ollivant, Shell-BP e United Africa Company. Uma gente vermelha de álcool e de sol. Soltavam risadas

e comentavam que a política nigeriana ainda era muito tribal, que talvez eles ainda não estivessem prontos para se autogovernar. (ADICHIE, 2008, p. 67-68).

He felt awkward with the men. They were mostly English, ex-colonial administrators and business people from John Holt and Kingsway and GB Ollivant and Shell-BP and United Africa Company. They were reddened from sun and alcohol. They chuckled about how tribal Nigerian politics was, and perhaps these chaps were not quite so ready to rule themselves after all. (ADICHIE, 2006, p. 66).

Em uma sala fechada apenas com não-nigerianos, é fácil discutir sobre as questões políticas e socioeconômicas do país a partir do olhar de fora, daqueles que acreditam que sua verdade é absoluta. Esse grupo de homens está na Nigéria desde antes da independência, e provavelmente acredita que o país estivesse melhor na condição de colônia da Inglaterra. Envoltos na redoma europeia, comandam as empresas estrangeiras que se alastram no país até hoje, crendo serem sobreviventes da “selva nigeriana”, enquanto habitam capitais.

Richard se enxerga de forma diferente, e em pouco tempo se envolve com uma mulher negra nigeriana, colocando-se, por diversas vezes, em posição submissa no relacionamento. Sua subserviência demonstra a necessidade de aceitação pela cultura e povo nigeriano, percorrendo o caminho inverso ao realizado por seus conterrâneos. O escritor quer ser reconhecido como igbo, como pertencente à cultura que admira. Ao se envolver romanticamente com uma mulher igbo, confia estar mais próximo de seu objetivo.

3.2.3 *Americanah*

Apresentamos, por sua vez, a sinopse do romance *Americanah* (2014), também disponibilizada pelo Grupo Companhia das Letras:

Lagos, anos 1990. Enquanto Ifemelu e Obinze vivem o idílio do primeiro amor, a Nigéria enfrenta tempos sombrios sob um governo militar. Em busca de alternativas às universidades nacionais, paralisadas por sucessivas greves, a jovem Ifemelu muda-se para

os Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que se destaca no meio acadêmico, ela se depara pela primeira vez com a questão racial e com as agruras da vida de imigrante, mulher e negra.

Quinze anos mais tarde, Ifemelu é uma blogueira aclamada nos Estados Unidos, mas o tempo e o sucesso não atenuaram o apego à sua terra natal, tampouco anularam sua ligação com Obinze. Quando ela volta para a Nigéria, terá de encontrar seu lugar num país muito diferente do que deixou e na vida de seu companheiro de adolescência.

Principal autora nigeriana de sua geração e uma das mais destacadas da cena literária internacional, Chimamanda Ngozi Adichie parte de uma história de amor para debater questões prementes e universais como imigração, preconceito racial e desigualdade de gênero. Bem-humorado, sagaz e implacável, *Americanah* é, além de seu romance mais arrebatador, um épico contemporâneo. (Grupo Companhia das Letras, 2017, *online*).

No romance, um casal de jovens migra para países de cultura predominantemente ocidental. A narrativa permite acompanhar a rotina das personagens enquanto ainda moram na Nigéria, bem como a imagem que constroem dos considerados países de primeiro mundo. Também nos apresenta quem são esses jovens que cresceram em meio à cultura imposta, misturada a seus próprios costumes, e quais são as expectativas que eles criam da vida no exterior.

No esteio da caracterização que Carvalho (2009) apresenta acerca do narrador pós-colonial, as narrativas aqui abordadas mesclam vivências alheias, mas enfocam primordialmente as reminiscências do vivido pelas próprias protagonistas nos contatos com o território e com a cultura do império britânico. De fato, para essa narradora pós-colonial, “[...] o caráter relacional e coletivo, a partir da experiência vivida, [lhe] é central, mesmo que seja uma narrativa inviável para muitos, mas que é [...] um risco que deve sempre ser corrido.” (CARVALHO, 2009, p. 8). O risco de generalizações trazido por essa autorrepresentação, ao buscar representar vozes coletivas de seus povos, é aceito por Adichie. Cabe a seus leitores – como tentamos fazer aqui – a tarefa de problematizar esses lugares narrativos. Isto posto, podemos observar a construção da imagem britânica pelos nigerianos representados em *Americanah* a seguir:

‘A escola francesa não é ruim, mas prefiro a Sidcot Hall. Eles seguem o currículo britânico completo.’ [...]

‘Ah, sim, Sidcot Hall’, disse Kosi. ‘Está no topo da minha lista justamente porque sei que seguem o currículo britânico.’ [...]

‘Se decidir colocar sua filha em desvantagem mandando-a estudar numa dessas escolas com professores nigerianos de meia-tigela, a responsabilidade é sua’, disse a sra. Akin-Cole. Ela falava com aquele sotaque estrangeiro impossível de identificar, que misturava britânico, americano e mais alguma coisa, tudo ao mesmo tempo, dos nigerianos ricos que não queriam que ninguém esquecesse como eram viajados, como seu cartão executivo da British Airlines estava repleto de milhas. (ADICHIE, 2014, p. 28-29).

‘The French school is not bad, but I prefer Sidcot Hall. They teach the complete British curriculum’ [...]
‘Oh, yes, Sidcot Hall,’ Kosi said. ‘It’s already on top of my list because I know they teach the British curriculum.’ [...]
‘If you decide to disadvantage your child by sending her to one of these schools with half-baked Nigerian teachers, then you only have yourself to blame,’ Mrs. Akin-Cole said. She spoke with the unplaceable foreign accent, British and American and something else all at once, of the wealthy Nigerian who did not want the world to forget how worldly she was, how her British Airways executive card was choking with miles. (ADICHIE, 2013, p. 35-36).

Para esses nigerianos, tudo que for importado da cultura ocidental é melhor. As duas mulheres discutem sobre opções de escolas na região, e enquanto ficam na dúvida entre duas instituições com currículos europeus, descartam imediatamente o próprio ensino nigeriano. Para elas e para muitas outras personagens representadas no romance, a produção nacional é inferior. Qualquer oportunidade de acesso ao importado deve ser aproveitada. Nota-se que forçar um sotaque que não seja africano é visto com bons olhos. Mostra que a pessoa é viajada. Para os cidadãos com melhor condição financeira, a forma mais efetiva de ostentar sua situação vantajosa é deixar claro que tiveram acesso à educação ocidental.

Pelo ângulo da experiência vivida pelo narrador pós-colonial, Obinze, principal interesse amoroso de Ifemelu, chega à Europa, e pode ver se suas expectativas criadas em torno do imaginário do (ex-)império britânico se tornarão realidade ou não. Obinze se mantém ilegalmente na Inglaterra, enquanto sua namorada se muda para os Estados Unidos, em trânsitos nos quais podemos acompanhar seu “descobrimento” do velho império e de suas atuais configurações sociais e culturais (THIBES; CARVALHO, 2016). O jovem estudante nigeriano tem uma grande decepção, pois cresceu ouvindo falar das vantagens e da grandiosidade do velho mundo. Ao chegar à Inglaterra, encontra apenas dificuldades para ser aceito devido a sua condição irregular e do preconceito que direcionavam a ele:

Obinze se sentou no assento manchado do metrô barulhento, diante de uma mulher que estava lendo a edição vespertina do jornal. A manchete era FALEM INGLÊS EM CASA, DIZ BLUNKETT A IMIGRANTES. [...] esses artigos eram escritos e lidos, de forma simples e histórica, como se seus autores vivessem num mundo onde o presente não tinha ligação com o passado e nunca tivessem considerado que esse era o curso normal da história: a chegada em massa à Inglaterra de negros vindos de países criados pelo Reino Unido. Mas Obinze entendia. Só podia ser reconfortante negar a história daquela maneira. A mulher fechou o jornal e olhou para ele. [...] Será que estava imaginando se ele seria um daqueles imigrantes ilegais que entupiam uma ilha já cheia de gente? (ADICHIE, 2014, p. 217).

He sat on the stained seat of the noisy train, opposite a woman reading the evening paper. *Speak English at home, Blunkett tells immigrants.* [...] articles were written and read, simply and stridently, as though the writers lived in a world in which the present was unconnected to the past, and they had never considered this to be the normal course of history: the influx into Britain of black and brown people from countries created by Britain. Yet he understood. It had to be comforting, this denial of history. The woman closed the newspaper and looked at him. [...] Was she wondering whether he was one of those illegal immigrants who were overcrowding an already crowded island? (ADICHIE, 2013, p. 320).

Obinze “sente na pele” o preconceito com o qual nunca precisou lidar enquanto morava na Nigéria. Essa rejeição o faz decepcionar-se com o país de que tanto ouviu falar e do qual esperava uma oferta de vida melhor. Ele percebe que a imagem de superioridade vendida pelo colonizador só diz respeito ao próprio colonizador europeu. Por mais que o africano-nigeriano se esforce para imitar os costumes e a cultura ocidental, talvez nunca venha a ser aceito como igual, tendo que se contentar com uma vida marginalizada.

Traçando um paralelo com o relato de Fanon (2008) acerca de sua experiência pessoal na França, na condição de nativo da Martinica (ex-colônia francesa), podem-se notar pontos de contato entre ficção e não-ficção, tal qual a circunstância análoga da viagem de trem, que atrai olhares desconfiados:

No movimento, não se tratava mais de um conhecimento de meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares. [...] Eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. (FANON, 2008, p. 105).

Obinze pode ser comparado ao psiquiatra martinicano que conta sobre a solidão do negro em terras estrangeiras. Em *Peles negras, máscaras brancas*, Fanon disserta: “Nessa época, desorientado, incapaz de estar no espaço aberto com o outro, com o branco que impiedosamente me aprisionava, eu me distanciei para longe, para muito longe do meu estar-aqui, constituindo-me como objeto.” (FANON, 2008, p. 106). Paralelamente à relação do martinicano com o colonizador francês, a experiência da personagem adichieana também evidencia a dificuldade do britânico em aceitar a imigração de cidadãos de países chamados subdesenvolvidos para a Inglaterra, o que Bhabha (1998) descreve como um “embate de fronteira acerca da diferença”, ao afirmar que

Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. (BHABHA, 1998, p. 21).

Em *Americanah*, esses embates conflituosos são destacados. Dessa forma, as minorias ficam em posição ainda mais marginalizada, apesar da hibridização cultural. Os imigrantes que compõem esses grupos subordinados enfrentam não só as barreiras físicas impostas pelos países dominantes, mas principalmente as barreiras sociais. O olhar discriminatório dos europeus, a indiferença, a frieza e a antipatia fazem-se presentes em quase todos os âmbitos de suas vidas. Esse tratamento negativo faz com que a imagem da Inglaterra como um país de oportunidades seja abalada, e pode reforçar ou destruir a noção de superioridade imposta pelo colonizador.

Esse reforço ocorre quando o colonizado passa a aceitar a imposição de sua inferioridade, comprando a ideia de que de fato nunca se igualará ao colonizador e de que deve abaixar a cabeça enquanto indivíduo subjugado. Já a destruição da noção de superioridade ocorre quando o colonizado não só cria ressentimento do (ex-)colonizador, mas adota a percepção de que esse (ex-) colonizador é um indivíduo mesquinho que não conhece sua história e seu passado e que o inferioriza em busca de autoafirmação.

Enquanto o colonizado não tem outra escolha a não ser aceitar a imposição da hegemonia ocidental ou se revoltar com a inferiorização a que é submetido, o

(ex-)colonizador, em geral, sempre o discriminará, acreditando de fato que sua cultura é superior enquanto os habitantes de países previamente dominados mantêm costumes bárbaros suavizados pela influência da colônia (THIBES; CARVALHO, 2016). Essa noção é reforçada por políticas migratórias preconceituosas e excludentes, que colocam o imigrante de países em desenvolvimento como indesejado e causador de tumulto em seu país.

Para esses imigrantes, a vida no país dominante é difícil, pois apesar da crença implantada pelo colonizador de que seus costumes são superiores, a pessoa que migra de países marginalizados para países centrais nunca se sentirá incluído nas vantagens que lhe foram prometidas. Logo, as expectativas criadas em torno do imaginário construído sobre a metrópole são derrubadas, e além de enfrentar essa decepção, o imigrante – ou visitante – que chega ao (ex-) império também enfrentará o preconceito e a exclusão provenientes do cidadão europeu resistente à ideia da hibridização que inevitavelmente ocorrerá com a presença desses novos habitantes. Esse preconceito se apresenta em forma de discriminação exposta ou velada, e de maus tratos e piadas de mau gosto direcionadas a eles pelo cidadão europeu.

O romance destaca, também, a infraestrutura defasada do país – que sofre com a instabilidade econômica e política – como elemento-chave para a emigração de Ifemelu, estudante universitária que tem sua educação descontinuada devido a greves contínuas e, ao conseguir uma bolsa de estudos norte-americana, migra para os Estados Unidos.

As greves agora eram comuns. Nos jornais, os professores da universidade listavam suas reivindicações e os acordos que eram destroçados por membros do governo cujos filhos estudavam no exterior. As universidades ficaram vazias, as salas de aula sem vida. Os alunos torciam por greves curtas, pois sabiam que seria impossível não haver greve nenhuma. Todos estavam falando em ir embora do país. (ADICHIE, 2014, p. 109).

Strikes now were common. In the newspapers, university lecturers listed their complaints, the agreements that were trampled in the dust by government men whose own children were schooling abroad. Campuses were emptied, classrooms drained of life. Students hoped for short strikes, because they could not hope to have no strike at all. Everyone was talking about leaving. (ADICHIE, 2013, p. 120).

A temática da migração em busca dos estudos repete-se nas três obras aqui analisadas, o que advém das greves consecutivas nas instituições de ensino superior como principal motivo da mudança para os Estados Unidos, tanto em *Americanah* quanto em *Hibisco roxo*. Novamente, apontamos para o ideal eurocêntrico que habita o imaginário das personagens adichieanas, assinalados por Maestro (2012) como a “colonização das mentes”.

O romance nigeriano apresenta diversas situações em que podemos observar mentes colonizadas, quando discussões acerca do ensino, dos filmes, de produtos, sempre giram em torno de duas opções: países europeus ou Estados Unidos. Ao passo que em tais discussões ambas as opções contam com defensores fervorosos, o produto nacional sequer entra na conversa ou, quando entra, é abordado de forma a ser ridicularizado. O conhecimento eurocêntrico, entretanto, é celebrado, visto como sinal de triunfo e distinção para quem o possui.

Obinze era fluente em seu conhecimento das coisas de fora, especialmente as que vinham dos Estados Unidos. Todos assistiam a filmes americanos e trocavam revistas americanas com as folhas apagadas, mas ele sabia detalhes sobre presidentes daquele país de cem anos atrás. [...] ‘Você está parecendo uma negra americana’ era o maior elogio que ele podia fazer, era o que dizia para ela quando usava um vestido bonito ou fazia tranças grossas no cabelo. (ADICHIE, 2014, p. 76).

He was fluent in the knowledge of foreign things, especially of American things. Everybody watched American films and exchanged faded American magazines, but he knew details about American presidents from a hundred years ago. [...] ‘You look like a black American’ was his ultimate compliment, which he told her when she wore a nice dress, or when her hair was done in large braids. (ADICHIE, 2013, p. 80).

Logo, ser chamada de “uma negra americana” seria considerado o maior dos elogios entre as mentes nigerianas colonizadas. Seria o mesmo que ser chamada de “bela” e, principalmente, “civilizada”, correspondendo ao parâmetro estipulado pelo colonizador branco. Contudo, ao migrar para o centro, Ifemelu tem a possibilidade de refletir sobre seu lugar enquanto mulher negra e sobre a inviabilidade de adequação ao modelo hegemônico ocidental branco, sendo sempre vista como subalterna e passível de melhoras – que nunca alcançarão o parâmetro imposto.

4 IFEMELU, KAMBILI E OLANNA: VIDAS IMPACTADAS

Pé ante pé, assim caminham todos os humanos, por toda parte. No entanto, sei que a minha ocidental maneira de andar nada tem a ver com aquela que me fazia descobrir as ruelas, as praias, os carreiros e os campos da minha terra natal.

Fatou Diome, *O ventre do Atlântico*

No processo de leitura e análise das obras selecionadas de Adichie, optamos por adotar a perspectiva da (ex-)colonizada em relação à cultura ocidental, devido à possibilidade de investigação das situações protagonizadas pelas mulheres nigerianas retratadas pela autora. Observamos que, apesar das diferenças entre Kambili, Olanna e Ifemelu, essas mulheres submetidas a toda sorte de imposições e influências diretas dos (ex-)colonizadores ainda se esforçam, muitas vezes, para aderir aos valores do colonizador, mesmo que inconscientemente. Após uma vida inteira sendo condicionadas a acreditar na superioridade do Ocidente, essa convicção dificilmente será revertida de todo ou em curto prazo.

As três protagonistas adichieanas são representantes da Nigéria narrada pela autora, exibindo as diferentes faces do país africano. Ainda que as mulheres tenham histórias pessoais diversas, encontramos pontos de contato nas trajetórias criadas por Adichie, que conta histórias de amadurecimento crítico a partir das circunstâncias pós-coloniais a que o país e suas habitantes estão submetidos. Nosso intuito é destacar as particularidades de cada uma das protagonistas, apontando para o passado recente do país enquanto colônia britânica como fonte de possíveis justificativas para as ações e reações das três mulheres, assim como para as problematizações reveladas ao leitor que acompanha os eventos relatados nos romances a partir de uma perspectiva privilegiada.

Para o desenvolvimento do presente capítulo, retomamos os objetivos delimitados na introdução desta pesquisa, direcionando nosso olhar para a reflexão acerca dos impactos da hegemonia ocidental na vida das mulheres de Chimamanda. Para tanto, nos concentramos nas representações da mulher

africana-nigeriana a partir das situações narradas pela autora, evidenciando aspectos negativos da influência do Ocidente no cotidiano das personagens.

4.1 O SILÊNCIO DE KAMBILI

No desenvolver da trama de *Hibisco roxo* (2011), o leitor tem acesso aos pensamentos de Kambili que, ao se colocar como narradora-personagem, revela uma gama de sentimentos complexos ocultados das pessoas a sua volta, e que vão se tornando mais conflituosos conforme a jovem amadurece e tem acesso a diferentes perspectivas. Criada no seio de uma família majoritariamente católica, a adolescente foi silenciada a vida inteira, tornando-se temente ao deus católico em tal nível que acredita ser pecadora desde que nasceu apenas por ser descendente de Eva, a autora do pecado original. Sua religião a cega, assim como a seu pai, e Kambili segue as regras determinadas pela igreja branca sem questionar os motivos subjacentes aos preceitos obedecidos.

Uma das situações recorrentes na história é a punição como forma de purificação. Eugene, pai da protagonista, é percebido pela sociedade em que vivem como um bom homem e descrito como alguém que realmente acredita no que prega. Aos olhos da filha, é um herói, alguém que sabe muito bem o que está fazendo. No entanto, apesar da visão borrada que temos da personagem através do olhar tendencioso da filha, a narrativa permite perceber que Eugene nada mais é que um seguidor cego da religião que lhe foi imposta pelo colonizador. A personagem vê a si e a sua família como exemplos de civilidade em meio ao caos nigeriano ao conduzir o ambiente doméstico de acordo com as convicções impregnadas pelo (ex-)colonizador. Ao descrever os impactos da colonização, Césaire afirma: “[...] se a civilização indígena morre, o colonizador substitui-a por uma outra civilização, uma civilização superior à civilização indígena – que é precisamente a civilização do colonizador.” (CÉSAIRE, 2011, p. 261). Embora a palestra de Césaire tenha ocorrido em 1956 – quatro anos antes da independência

nigeriana, e usando como parâmetro países em regime colonial –, suas conclusões refletem na Nigéria de *Hibisco roxo* ao observarmos que, com o abafamento da cultura nigeriana-africana, a dita civilização do colonizador domina as noções de certo e errado de cidadãos como o pai de Kambili, que pune porque acredita que apenas assim seus familiares terão um lugar no paraíso cristão.

Kambili presencia algumas punições, enquanto protagoniza outras, sempre em silêncio. Em várias passagens, a jovem evita refletir sobre as motivações das correções, julgando-as necessárias para a elevação do espírito. A adolescente apenas dá a entender que cresceu ouvindo sua mãe sendo agredida pelo pai, pois, mesmo em seus pensamentos, Kambili não organiza em palavras as situações que presencia, preferindo imaginar que os sons de pancadas no quarto ao lado são provenientes de ações mundanas, como tentativas de desemperrar uma porta. Os motivos das agressões não precisam fazer sentido para a garota, que narra:

Mais tarde, no jantar, Papa nos mandou rezar dezesseis novenas. Pelo perdão de Mama. [...] Eu não me perguntei, nem tentei me perguntar, o que Mama fizera para precisar ser perdoada. (ADICHIE, 2011, p. 42).

Later, at dinner, Papa said we would recite sixteen different novenas. For Mama's forgiveness. [...] I did not think, I did not even think to think, what Mama needed to be forgiven for. (ADICHIE, 2005, p. 35).

Na passagem, a mãe de Kambili, grávida, cogita não visitar a casa do padre responsável pela paróquia após a missa, devido ao enjoo que acompanha os primeiros meses de gravidez. No momento em que a mãe expressa seu desejo de aguardar no carro, o pai da garota demonstra contrariedade, fazendo com que a mulher mude de ideia. Entretanto, apenas o ato de cogitar não visitar o padre é suficiente para que a mãe da adolescente seja espancada pelo marido, o que faz com que ela perca o bebê. Embora o episódio afete os pensamentos de Kambili de forma contundente, e seja um passo em direção à possibilidade de se permitir refletir sobre as motivações do pai, a não-reação da garota não é surpresa para qualquer um familiarizado com ensinamentos bíblicos aos quais Kambili foi exposta a vida inteira. De acordo com o livro Colossenses, do *Novo testamento*, “Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor.”

(BÍBLIA, Cl. 3:18). Nessa perspectiva, revidar às agressões do marido seria deixar de se sujeitar, assim como indagar sobre as motivações do pai, no caso de Kambili.

Por se privar tanto das reflexões necessárias para superar o trauma familiar da perda do bebê, além de se manter silenciosa diante de toda a situação, não discutindo sobre o assunto nem com seu irmão – que seria seu confidente, se a garota se permitisse confidenciar –, o aborto da mãe toma conta de sua mente, impedindo-a de se concentrar nas provas da escola católica que frequenta. Seu desempenho escolar, assim como tudo em sua vida, gira em torno de agradar seu pai, e conseqüentemente, agradar ao deus cristão.

O silêncio de Kambili, assim como sua subserviência e temor ao pai, se respalda nos ensinamentos bíblicos reproduzidos à exaustão em todos os âmbitos que frequenta. Não é difícil encontrar passagens bíblicas que enfatizem a submissão feminina, a exemplo do capítulo de 1 Timóteo, no *Novo testamento*, sobre os deveres das mulheres cristãs:

Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas ou vestidos preciosos. Mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras. A mulher aprenda *em silêncio*, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja *em silêncio*. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão, não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, na caridade e na santificação. (BÍBLIA, 1Tm. 2:9-15, grifo nosso).

Não nos espanta, pois, que a característica da protagonista que salta aos olhos do leitor seja seu comedimento, por vezes incômodo. Qualquer demonstração de efusividade é prontamente reprimida pelo pai, que reserva as punições mais severas para as mulheres da família, como forma de compensar pelo pecado original. Diante disso, direcionamos nosso olhar novamente à punição reservada à mãe por considerar não visitar a casa do padre após a missa:

- Sabe aquela mesinha onde guardamos a Bíblia da nossa casa, *nne*? Seu pai quebrou-a na minha barriga – disse, como se estivesse falando de outra pessoa, como se a mesa não fosse feita de madeira pesada. – Meu sangue escorreu todo por aquele chão antes mesmo de ele me levar ao St. Agnes. Meu médico disse que não pôde fazer nada para salvá-lo. (ADICHIE, 2011, p. 262).

'You know that small table where we keep the family Bible, *nne?* Your father broke it on my belly.' She sounded as if she were talking about someone else, as if the table were not made of sturdy wood. 'My blood finished on that floor even before he took me to St. Agnes. My doctor said there was nothing he could do to save it.' (ADICHIE, 2005, p. 248).

Apontamos para a representação do local de armazenamento da Bíblia – sagrada – enquanto instrumento de agressão à mãe devido à ironia explicitada na passagem, se considerarmos a mensagem principal de amor ao próximo difundida pelo cristianismo. No entanto, seu uso faz sentido quando refletimos sobre a mensagem absorvida pela família da protagonista através dos ensinamentos divergentes dos párocos, que difundem o sentimento de culpa e inferioridade através dos versos bíblicos. A nosso ver, Eugene já usava a Bíblia como arma antes da agressão física, espelhando suas ações nas igrejas católicas nigerianas, comandadas por padres europeus em missões que, por sua vez, utilizam como base os capítulos compatíveis com o desejo de controle e subjugação de grupo por outro.

Entre a escola de currículo britânico, a igreja e sua própria casa, Kambili tem pouco contato com a cultura nigeriana, vivendo em uma redoma europeia cristã, ao frequentar apenas os locais pré-aprovados pelo pai. Entretanto, isso muda com a aproximação de sua tia Ifeoma, e conseqüentemente de seus primos e de seu avô, Papa-Nnukwu.

Ao hospedar-se na casa da tia em Nsukka, a jovem não só tem contato direto com a Nigéria contemporânea, como com tradições que sua religião demoniza. Sua tia é católica, e criou seus filhos seguindo os preceitos do cristianismo, mas diferente do irmão, Eugene, tia Ifeoma não enxerga o mundo de forma polarizada. Para ela, nem tudo é preto e branco. A mulher respeita as tradições de seu país, e de seu pai, compreendendo-as enquanto marca cultural de seu povo, ao mesmo tempo em que parece acreditar em algumas superstições provenientes da religião paterna. Em contrapartida, Papa-Nnukwu segue à risca as tradições igbo, o que faz com que Eugene o afaste dos netos por não seguir o catolicismo. Em conversa com a tia, Kambili demonstra a pouca aceitação que aprendeu a ter em relação à religião de seu avô, que a menina acredita ser um pecador:

Seu Papa-Nnukwu não é um pagão, Kambili, é um tradicionalista – disse tia Ifeoma.

Olhei atônita para ela. Pagão, tradicionalista, o que importava? Ele não era católico e pronto; não era da nossa fé. Era uma dessas pessoas por cuja conversão nós rezávamos, para que elas não acabassem no tormento eterno dos fogos do inferno. (ADICHIE, 2011, p. 90).

‘Your Papa-Nnukwu is not a pagan, Kambili, he is a traditionalist,’ Aunty Ifeoma said.

I stared at her. Pagan, traditionalist, what did it matter? He was not Catholic, that was all; he was not of the faith. He was one of the people whose conversion we prayed for so that they did not end in the everlasting torment of hellfire. (ADICHIE, 2005, p. 81).

Devido a sua condição feminina, ter opiniões tão extremistas quanto ao destino dos pecadores de acordo com a doutrina cristã permite refletir sobre os conflitos de Kambili em relação a sua posição de mulher negra. Ao mesmo tempo em que a Bíblia reforça o ideal de submissão feminino em diversas passagens, os padres europeus enfatizam a branquitude como modelo de limpeza e purificação. Logo, a jovem encontra-se integrante de uma religião que a subalterniza diretamente, tornando-se obediente como forma de garantir seu lugar no céu cristão, longe do “tormento eterno dos fogos do inferno”.

A noção de subalternidade feminina é reforçada no colégio que frequenta, *Daughters of the Immaculate Heart*,⁷ onde, além de ser exposta a toda sorte de dogmas voltados para o lugar da mulher a partir das crenças cristãs, Kambili é submetida a um currículo britânico, tendo como professoras freiras estrangeiras em sua maioria, o que as torna estranhas aos costumes de suas próprias alunas. Entretanto, vale salientar que, em uma escola de corpo docente e discente exclusivamente feminino, as ideias de culpa e submissão femininas são ratificadas pelo currículo religioso, passadas de professoras para alunas, de mulheres para mulheres.

Contudo, por serem, em sua grande maioria, europeias vivendo na Nigéria, essas professoras não demonstram interesse em compreender a cultura do país em que habitam e trabalham, tornando o contato com os nativos nigerianos uma via de mão única, em que as europeias apenas transmitem o que acreditam ser correto

⁷ “Filhas do Imaculado Coração”, em tradução livre.

e civilizado. Um caso emblemático é o da irmã Verônica, que diz não entender porque muitos igbo constroem casas enormes em suas cidades natais para passar apenas o fim do ano, vivendo em residências menores durante a maior parte do tempo. Enquanto Kambili considera desnecessário que a irmã compreenda seus costumes, o incômodo da freira revela a tendência dos brancos imigrantes de tentarem enxergar o Sul através do olhar do Norte, estabelecendo suas preferências como universais.

Em seu círculo cristão europeu, Kambili não percebe o apagamento identitário étnico a que está submetida por meio da imposição cultural e religiosa, visto que nunca foi encorajada a ter pensamento crítico, devido a sua condição feminina. Seus princípios contrastam com os de seus primos, causando um estranhamento inicial, comum ao contato com o Outro. O que torna a correspondência entre primos tão inusitada, no entanto, é o fato de todos fazerem parte da mesma família, do mesmo país e do mesmo grupo étnico – igbo.

Embora todos tenham sofrido com a imposição religiosa do colonizador, nota-se um abismo de diferenças no modo de criação entre as duas partes da mesma família. E, ao realizarmos um exercício comparativo, observamos que o tronco familiar de Kambili aparenta maior suscetibilidade aos padrões impostos, acreditando de fato que a cultura nigeriana é inferior e indigna. É comum encontrar nas representações adichieanas grupos inteiros sob forte alienação, que são direcionados a acreditar que suas práticas socioculturais são inferiores e tribais, passíveis de riso. Quanto a esses povos racializados, Fanon afirma:

Porque nenhuma outra solução lhe é permitida, o grupo social racializado tenta imitar o opressor e com isso desracializar-se. A “raça inferior” nega-se como raça diferente. Partilha com a “raça superior” as convicções, as doutrinas, e tudo o que lhe diz respeito. (FANON, 2011, pp. 279-280).

Ou seja, a imposição hegemônica é tão intensa que o grupo oprimido se nega em sua condição de Outro, em uma corrida pela aproximação à imagem do opressor, como tentativa de aceitação e salvação, como é o caso da família de Kambili. Isto posto, já não nos surpreende que a relação inicial entre primos se assemelhe tanto ao contato com o Outro, uma vez que os familiares imediatos da jovem estão mais próximos das convicções e doutrinas do (ex-)colonizador do que

das de seu próprio país. Assim sendo, acompanhamos a representação do que Fanon define como a “[...] destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizados.” (FANON, 2011, p. 275). Pois, a partir das crenças defendidas pelas pessoas ao redor de Kambili – e por ela mesma –, a cultura nigeriana é desprestigiada devido a seu afastamento da cultura ocidental.

4.2 A COMPLACÊNCIA DE OLANNA

No contexto da imediata pós-independência narrada no romance *Meio sol amarelo* (2008), conhecemos Olanna, que, como Kambili em *Hibisco roxo* (2011), pertence a uma classe social mais elevada. Através das experiências da personagem, filha de um poderoso chefe do país, temos acesso aos novos ricos nigerianos, pessoas que lucraram com o processo de colonização e/ou com a guerra da independência, e encontram-se em situação confortável em uma nação que ainda tenta se reerguer. Olanna, enquanto questionadora do *status quo*, exprime certo constrangimento quanto a sua condição financeira e social privilegiada, principalmente devido a formação universitária que a permitiu engajar-se em discussões e causas sociais. No convívio com Odenigbo, seu namorado acadêmico, e os colegas de trabalho que os rodeiam, a mulher sente-se inadequada, buscando aprovação através de opiniões manifestadas timidamente, em contraste com as manifestações acaloradas de seus convivas.

Em um país já contaminado pela cultura do colonizador, a condição feminina de Olanna, somada a sua inadequação, tornou-a uma pessoa complacente, visto que a personagem sente-se de certa forma culpada por seus privilégios, diminuindo-se como forma de compensação. Acreditamos que sua postura se dá principalmente devido à ideia de humildade e subserviência que se espera da mulher, construção reforçada durante a história ocidental repetidamente. De acordo com Rita Segato,

[...] el género me parece existir en sociedades pre-coloniales, pero lo hace de una forma diferente que en la modernidad. [...] cuando esa colonial modernidad se le aproxima al género de la aldea, lo modifica peligrosamente, interviene su estructura de relaciones, las captura y las reorganiza desde dentro, manteniendo la apariencia de continuidad pero transformando los sentidos. (SEGATO, 2016, p. 59).

Não há muita diferença, portanto, entre o lugar da mulher no Ocidente e na Nigéria pós-colônia habitada por Olanna. Enquanto o romance apresenta personagens provenientes de vilarejos distanciados da chamada civilização e modernização impostas ao país pelo colonizador branco, a protagonista aqui analisada cresceu em Lagos, a maior cidade nigeriana, além de principal centro econômico e capital da nação durante a década em que a história se passa. Vale ressaltar, também, que, como jovem privilegiada, Olanna teve acesso à melhor educação oferecida pelo país. O que significa uma formação europeia, assunto abordado nos três romances analisados. Kainene, a irmã gêmea de Olanna, conta que seu pai “[...] achava que éramos muito pequenas para sermos mandadas ao exterior, mas estava resolvido a ter duas filhas tão parecidas com as europeias quanto possível.”⁸ (ADICHIE, 2008, p. 76). Novamente, ter educação ocidental é sinônimo de fineza e superioridade no mundo narrado por Adichie.

Apresentadas as circunstâncias em que a personagem foi criada e educada, buscamos analisar as situações descritas a partir de sua perspectiva. Como, por exemplo, sua interação com homens poderosos que acreditam ter direito a qualquer mulher que escolham como objeto de admiração, apenas por sua posição influente, como a relatada no excerto a seguir:

Por uns instantes, Olanna não fez nada, o corpo frouxo ao lado dele. *Estava acostumada com isso*, com ser agarrada por homens embebidos em nuvens de direitos, recendendo a colônia, que presumiam, por serem poderosos e acharem-na bonita, que eles se pertenciam. (ADICHIE, 2008, p. 45, grifo nosso).

He pulled her to him, and for a while Olanna did nothing, her body limp against his. She was used to this, being grabbed by men who walked around in a cloud of cologne-drenched entitlement, with the

⁸ “[...] thought we were too young to be sent abroad, but he was determined that we be as European as possible.” (ADICHIE, 2006, p. 76).

presumption that, because they were powerful and found her beautiful, they belonged together. (ADICHIE, 2006, p. 41).

Apontamos para o trecho “estava acostumada com isso” devido à familiaridade dessa expressão para o universo feminino, espaço em que, historicamente, mulheres normalizaram comportamentos abusivos apenas por terem se acostumado a eles. Com isso, ocorreu (e ocorre) a reprodução do discurso voltado para a necessidade de aceitação de um destino inerente à mulher, que se conforma com a violação de seu corpo em favor do Outro, do homem, colocado em posição superior em diversos âmbitos.

Quanto à posição do homem negro no contexto colonial e pós-colonial, pode ser interpretada como intermediária, visto que, enquanto o negro está em condição inferiorizada pelo dominador branco, o mesmo pode se colocar em local de dominação em relação à mulher negra, a partir da construção social reforçada pela cultura ocidental que subalterniza a mulher. Ao elencar sintomas da hierarquia colonial, Segato caracteriza a localização do homem autóctone no sistema (pós)colonial, inferior ao colonizador e superior a seus conterrâneos:

- la *emasculación* de los hombres en el ambiente extra-comunitario, frente al poder de los administradores blancos, que requiere reconstrucción mediante el uso de violencia;
- la *hiperinflación de los hombres* en el ambiente comunitario, por su papel de intermediarios con el mundo exterior, es decir, con la administración del blanco, con quien hace la guerra y negocia recursos; (SEGATO, 2016, p. 59, grifos da autora).

Em menor escala, o sentimento de necessidade de imposição do homem autóctone no contexto pós-colônia remete à cena do estupro no bar, protagonizada por Ugwu. No romance adichieano, a personagem Okonji serve como exemplo de um homem negro que se sente no direito de explorar o corpo da mulher negra, em um contexto em que seu próprio corpo foi (e é) submetido ao Outro. Considerado um “homem-grande” no território nigeriano, e estando a mulher em posição inferior na escala hierárquica imposta pelo colonizador, chefe Okonji representa esse homem autóctone em posição social intermediária. Nesse cenário, a mulher nigeriana será subjugada tanto pelo colonizador branco quanto pelo colonizado. No excerto a seguir, acompanhamos a situação a que Olanna é submetida, em que

percebe sua objetificação em favor das vontades de um “homem-grande”, termo utilizado para designar os homens nigerianos que detêm muito poder:

Ela se perguntou se a expressão em seus olhos era um apelo desesperado. Perguntou-se, também, se por acaso os pais haviam prometido ao chefe Okonji, em troca do contrato, que ele poderia ter um caso com ela. Será que tinham feito a promessa com todas as letras ou apenas dado a entender? (ADICHIE, 2008, p. 44).

She wondered if the expression in his eyes was a desperate plea. She wondered, too, how her parents had promised Chief Okonji an affair with her in exchange for the contract. Had they stated it verbally, plainly, or had it been implied? (ADICHIE, 2006, p. 39).

Observamos que Olanna deduz logo que faz parte de uma transação comercial entre seu pai e chefe Okonji, entendendo como as negociações entre os “homens-grandes” podem desenrolar-se independente da vontade de todos os envolvidos. De acordo com Lugones, “Pode-se começar a observar o vínculo entre, por um lado, a introdução colonial do conceito moderno instrumental da natureza como central para o capitalismo e, por outro, a introdução colonial do conceito moderno de gênero.” (LUGONES, 2014, p. 938). Logo, ao negociar a afeição de sua filha em troca de parceria nos negócios, os pais de Olanna demonstram o quanto foram impactados pelos modelos econômico e de gênero ocidentais, que, somados a alguns costumes igbo narrados por autores nigerianos sobre as tradições matrimoniais do grupo étnico – a exemplo da própria Adichie, em seu livro de contos *No seu pescoço* (2017), e de Achebe, em *O mundo se despedaça* (2009) –, tornam a mulher uma moeda de troca poderosa.

Voltando à inadequação de Olanna, que tenta negar seus privilégios como forma de aceitação no círculo acadêmico, observamos que a protagonista busca continuamente se provar nigeriana, apesar de sua formação ocidental. Ela percebe que ao priorizar a educação europeia, seus pais acabaram privando-a de boa parte da cultura de seu próprio país, e que, enquanto seus estudos permitiram-na aprender diversas línguas, seus familiares com menos estudos têm conhecimentos mais úteis para o convívio na Nigéria. Ao hospedar-se na casa dos seus tios em Kano, cidade conhecida por sua prevalência hauçá, Olanna reflete sobre sua incapacidade de dialogar com pessoas de seu próprio país: “Ela bem que gostaria

de ser fluente em hauçá e ioruba, como o tio, a tia e os primos; trocaria de bom grado seu francês e seu latim por essas línguas.”⁹ (ADICHIE, 2008, p. 53).

Ao deflagrar-se a guerra civil na Nigéria, a noção do que é ser nigeriano para Olanna é afetada, assim como para seus conterrâneos, de modo a colocar em evidência os conflitos étnicos do país, fazendo-os repensar sua identidade igbo a partir das situações a que são submetidos. Ao refletirmos sobre o histórico de colonização nigeriana, assim como o histórico dos países africanos na mesma situação, a Guerra de Biafra não deve ser compreendida com surpresa, visto que o país é formado por diversas etnias, com crenças e costumes diferentes. De acordo com Hall, “A maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural.” (HALL, 2005, p. 59). O ato de suprimir uma cultura em favor da unificação de um território foi motivador de diversas guerras étnicas durante a História. No entanto, ao ocorrer em países considerados inferiores e tribais, é comum que apontem para o tribalismo e para a incivilidade como causa de conflitos.

Para Olanna, presenciar seu grupo étnico em guerra com outras etnias a faz refletir sobre até que ponto estaria disposta a ir por sua sobrevivência. Em seu círculo de amigos, ainda longe do conflito armado, a personagem ouve sobre a hostilidade crescente entre etnias, momento em que seus colegas acadêmicos discutem sobre identidade e noção de dever diante do que acreditam. Contudo, ao testemunhar a repressão dos igbo fora do território que viria a se tornar Biafra, Olanna se apressa em negar sua identidade igbo, ação repleta de culpa:

Sentia-se oca. Não sabia que as coisas tinham chegado a esse ponto; em Nsukka, a vida era insular e as notícias irreais funcionavam apenas como combustível para as conversas da noite, para a retórica de Odenigbo e seus artigos apaixonados. [...]

Não podia acreditar como fora fácil negar o que eram, afastar o fato de serem ibos. (ADICHIE, 2008, p. 158-159).

She felt hollow. She did not know that things had come to this; in Nsukka, life was insular and the news was unreal, functioning only as fodder for the evening talk, for Odenigbo’s rants and impassioned articles. [...]

⁹ “She wished she were fluent in Hausa and Yoruba, like her uncle and aunt and cousin were, something she would gladly exchange her French and Latin for.” (ADICHIE, 2006, p. 50).

She could not believe how easy it had been to deny who they were, to shrug off being Igbo. (ADICHIE, 2006, p. 168).

No decorrer da guerra, o sentimento de pertença à etnia igbo, assim como a nova compreensão de nacionalidade em torno de Biafra são a princípio reforçados, acompanhados pelo otimismo do povo de que fazem parte de um novo país, formado apenas por sua própria etnia. No entanto, essas noções de nacionalidade e pertença são deixadas de lado gradativamente, em favor do instinto de sobrevivência, além do cansaço que toma conta dos que evitam zonas de conflito durante os anos de duração da guerra. Nesse cenário, Olanna, que anteriormente se enxergava como uma mulher criticamente madura, deixa de lado suas certezas academicistas, além das inseguranças relacionadas a seus privilégios, para garantir sua sobrevivência, além da de seus familiares, se aproveitando, inclusive, de seus contatos anteriores à conflagração para que sua filha não morra de fome.

4.3 A SOLIDÃO DE IFEMELU

A trajetória da protagonista Ifemelu, narrada em *Americanah* (2014), tem como temática o processo de migração e as experiências vividas pela jovem mulher negra e nigeriana, e ilustra desde as vivências em seu país de origem, passando por sua autodescoberta enquanto negra nos Estados Unidos, e pela adaptação ao que se espera dela – tanto no que concerne à nacionalidade, quanto à raça e ao gênero –, chegando ao momento do despertar crítico de Ifemelu. Nesta seção, analisamos o percurso da personagem, evidenciando principalmente sua condição de imigrante, e as situações em que é enquadrada sob estereótipos por cidadãos estadunidenses. Aqui, averiguamos a solidão da mulher negra imigrante representada na obra adichieana, que, mesmo em situação comum a milhares, encontra pouca identificação ou empatia em seu meio de convivência.

O ponto de partida do romance é a visita da personagem a um salão de beleza especializado em tranças, local em que dialoga com mulheres negras

africanas de diferentes países, ao mesmo tempo em que relembra mentalmente o caminho que percorreu até o momento, treze anos após sua mudança para os Estados Unidos. Entre conversas carregadas de fortes sotaques, além de tentativas de emulação do estilo de vida e fala estadunidense, atentamos para a necessidade de identificação entre as mulheres, ao se informar sobre o país de origem de cada uma ao início do atendimento, em busca de pontos em comum para desenvolver o assunto.

Ao representar a interação entre mulheres da Nigéria, do Senegal e do Mali – Ifemelu, Aisha e Mariama, respectivamente –, a obra ilustra o que as concepções ocidentais parecem ter tanta dificuldade em assimilar: embora classificadas sob a designação de “africanas”, as mulheres têm pouca coisa em comum além da opressão a que estão submetidas enquanto imigrantes africanas. Elas, inclusive, pouco sabem sobre o país de suas colegas, reproduzindo estereótipos próprios, somados aos que adotaram no convívio com os cidadãos estadunidenses. Como é o caso de Aisha, que acredita que o grupo étnico igbo é composto apenas por negros de pele clara:

‘Você é ioruba na Nigéria’, disse Aisha.

‘Não, eu sou igbo.’

‘Você é igbo?’ [...]. ‘Achei que era ioruba porque você é escura, e gente igbo é clara.’ (ADICHIE, 2014, p. 22).

‘You from Yoruba in Nigeria,’ Aisha said.

‘No. I am Igbo.’

‘You Igbo?’ [...] ‘I think you Yoruba because you dark and Igbo fair.’ (ADICHIE, 2013, p. 17-18).

Considerando que a África já era dividida por grupos étnicos antes da colonização britânica, e continuou com parte de suas divisões durante e depois da colonização, é de se esperar que a etnia fale mais alto entre africanos que a nacionalidade. Na conversa de salão, isso fica claro quando Aisha demonstra interesse em se casar com um homem igbo, por acreditar que esses são mais cuidadosos com as mulheres. Durante o atendimento, Aisha e Mariama manifestam seu pouco conhecimento sobre a Nigéria, discorrendo sobre filmes de Nollywood, a indústria cinematográfica nigeriana. Ifemelu, por sua vez, revela pouco interesse no assunto, refletindo internamente sobre seu pouco apreço pela indústria, devido à falta de verossimilhança das narrativas nollywoodianas. A blogueira parece

menosprezar as cabelereiras e seus gostos pessoais, mantendo-se educadamente afastada em atitude superior, enquanto faz suposições sobre as mulheres no salão.

A postura de Ifemelu pode ser interpretada como um mecanismo de defesa, visto que ela se vê como inferior por ser uma negra africana apenas quando se muda para os Estados Unidos, e dialogar com outras mulheres que têm conhecimento menor que o dela a faz voltar à sua posição de alguém digna de ser ouvida e levada em consideração. Além disso, a protagonista pode se enxergar em Aisha e Mariama, já que, assim que se mudou para a América, preocupou-se em reproduzir os costumes e o sotaque estadunidense, para que fosse aceita, assim como as cabeleireiras. Logo, sua decisão de abraçar suas raízes africanas a faz acreditar que ela tem uma percepção quanto à cultura norte-americana maior que a das outras mulheres.

Segundo Santos, “[...] los africanos y sus descendientes han sido vistos desde los inicios a partir de una construcción discursiva compleja producida por el discurso social que ha pretendido encapsularlos bajo estereótipos.” (SANTOS, 2014, p. 201). Isso significa que, ao migrar para os Estados Unidos, o africano perde sua individualidade, sendo imediatamente inserido na construção discursiva que o estereotipa. Para a protagonista adichieana, uma das situações marcantes que a permitem entender que faz parte de um estereótipo que a apaga enquanto sujeita é o encontro com Cristina Tomas, aluna responsável por recepcionar novos alunos à universidade. Em um contexto em que Ifemelu já se encontra fragilizada pelas experiências iniciais nos Estados Unidos, ser recusada como falante de língua inglesa a abala, fazendo com que a jovem acredite que apagar os indicativos de sua nacionalidade nigeriana seja mais fácil que enfrentar pessoas como Cristina Tomas durante seu período no país.

‘Eu falo inglês’, disse Ifemelu.

‘Aposto que fala’, disse Cristina Tomas. ‘Só não sei se fala *bem*.’

Ifemelu se encolheu. [...] Falava inglês desde pequena, fora a capitã da equipe de debate no ensino médio e sempre achara a pronúncia anasalada dos americanos um pouco rudimentar; não deveria ter se acovardado e se encolhido, mas o fez. E, nas semanas seguintes, conforme o frio do outono ia surgindo, começou a treinar um sotaque americano. (ADICHIE, 2014, p. 147).

‘I speak English,’ she said.

‘I bet you do,’ Cristina Tomas said. ‘I just don’t know how well.’

Ifemelu shrank. [...] She had spoken English all her life, led the debating society in secondary school, and always thought the American twang inchoate; she should not have cowered and shrunk, but she did. And in the following weeks, as autumn's coolness descended, she began to practice an American accent. (ADICHIE, 2013, p. 163-164).

Durante o processo de adequação e inserção social, Ifemelu tenta reproduzir o padrão dominante, não só integrando o grupo subalterno de mulheres negras, mas se moldando à imagem do opressor. Assim, ao praticar o sotaque estadunidense, assim como buscar diversas formas de se incorporar ao ambiente universitário de forma a não ser reconhecida essencialmente por sua naturalidade africana, ela refaz o caminho de milhões de outras mulheres negras/latinas/asiáticas. Como Fanon discorre, ao narrar a experiência do antilhando na França, afirmando que “[...] é preciso compreender que o negro quer falar o francês porque é a chave susceptível de abrir as portas que, há apenas cinquenta anos, ainda lhes eram interditadas” (FANON, 2008, p. 50). Assim como, para Ifemelu, é necessário descontaminar seu inglês de qualquer traço estrangeiro, principalmente se esse traço remete ao inglês de países africanos, como forma de integração ao convívio estadunidense.

Em adição às dificuldades de adaptação originadas da inferiorização do imigrante africano no país norte-americano, a jovem nigeriana também se descobre objeto da erotização procedente do olhar masculino, que hipersexualiza seu corpo ao identificá-la como exótica, por diferir do parâmetro ocidental branco. Em uma festa oferecida pelos padrões brancos de Ifemelu, a jovem chama atenção por ser africana, nativa do continente que essas pessoas veem como o grande receptor das doações que os fazem sentir-se melhor consigo mesmos. Devido a isso, os convidados se apressam em demonstrar algum conhecimento que tenham da África, ignorando o fato do continente ter 54 países diferentes, além de ocupar mais de 20% da área total de terra firme no planeta. No entanto, além dos que buscam aprovação da nigeriana publicitando suas boas ações, há os que tecem comentários impróprios sobre sua aparência, tirando da jovem o direito sobre seu corpo, que se torna área convidativa a avaliações indesejadas:

‘Você é tão bonita’, disse-lhe um homem com dentes horrivelmente brancos. ‘As mulheres africanas são lindas, principalmente as etíopes.’ (ADICHIE, 2014, p. 185).

'You're so beautiful,' a man told her, smiling, his teeth jarringly white. 'African women are gorgeous, especially Ethiopians.' (ADICHIE, 2013, p. 209).

Não nos passa despercebida a possibilidade de comparação da situação tolerada por Ifemelu com os mercados de negros no período da escravidão, em que senhores brancos analisavam os atributos de escravizados ignorando o ser humano a sua frente. Embora a interação da jovem protagonista com homens brancos desagradáveis seja menos grave, visto que seu corpo não está a venda, ao observá-la aceitar calada os apontamentos de estranhos, questionamos a viabilidade de fala da mulher negra, debatida extensamente pelos estudos pós-coloniais.

Por outra perspectiva, o corpo de Ifemelu também está sujeito à hipersexualização através do olhar de seu namorado branco, Curt, que, curiosamente, gosta de fantasiar que está transando com Foxy Brown, uma personagem de filme descrita como negra e sensual. Enquanto Ifemelu acha intrigante o quanto assumir papéis na cama excita seu companheiro, a jovem não problematiza as ocasiões em que isso acontece, pouco percebendo que seu namorado a enxerga na qualidade de uma conquista exótica, como narrado no excerto a seguir:

Curt nunca tinha transado com uma negra; ele disse isso para ela após sua primeira vez, em sua cobertura em Baltimore, jogando a cabeça num gesto em que caçoava de si mesmo, como se isso fosse algo que devesse ter feito havia muito tempo, mas que sempre deixara para depois. (ADICHIE, 2014, p. 212).

Curt had never been with a black woman; he told her this after their first time, in his penthouse apartment in Baltimore, with a self-mocking toss of his head, as if this were something he should have done long ago but had somehow neglected. (ADICHIE, 2013, p. 240).

Para Ifemelu, seu relacionamento com Curt é o ponto de virada para a abertura das portas no país que lhe virou as costas enquanto imigrante. Partindo da teoria de Fanon quanto à relação da “mulher de cor e do homem branco”, podemos tecer considerações acerca da aparente “cegueira” da protagonista, que prefere aproveitar as vantagens de seu relacionamento com o branco. O psicanalista

discorre: “No dia em que o branco declarou seu amor à mulata, algo de extraordinário deve ter acontecido. [...] Ela não foi mais identificada como aquela que queria ser branca, ela era branca. Ela penetrava no mundo branco” (FANON, 2008, p. 65). Apenas com a proximidade do fim do relacionamento e seu aparente cansaço, é que a jovem começa a enxergar os fundamentos da atração de Curt por ela. Sua temporada com Curt, no entanto, ilustra o outro lado da moeda, visto que, durante a maior parte de sua permanência nos Estados Unidos, os traços de Ifemelu são taxados como o oposto do padrão de beleza procurado pelas mulheres.

Enquanto gênero historicamente subalternizado, a mulher já sofre ataques diários à autoestima, o que implica na necessidade de se modificar de forma a corresponder a padrões. A mulher negra, por sua vez, experimenta a exclusão em dobro, enquanto a mulher negra imigrante é impactada de três lados, o que a faz buscar adaptar-se a parâmetros impossíveis. No romance, essa adequação é retratada quando Ifemelu, em busca de um emprego, tem que abrir mão de suas tranças e de seu sotaque, pois no contexto em que ela se encontra os cabelos alisados passam a impressão de profissionalismo. A jovem estudante explica sua decisão de abrir mão do cabelo natural em busca de um emprego a seu namorado branco, que não encontra identificação com as condições toleradas por Ifemelu:

‘Meu cabelo cheio e incrível ia dar certo se eu estivesse fazendo uma entrevista para ser backing vocal numa banda de jazz, mas preciso parecer profissional nessa entrevista, e profissional quer dizer liso, mas se for encaracolado, que seja um cabelo encaracolado de gente branca, cachos suaves ou, na pior das hipóteses, cachinhos espirais, mas nunca crespo.’ (ADICHIE, 2014, p. 222)

‘My full and cool hair would work if I were interviewing to be a backup singer in a jazz band, but I need to look professional for this interview, and professional means straight is best but if it’s going to be curly then it has to be the white kind of curly, loose curls or, at worst, spiral curls but never kinky.’ (ADICHIE, 2013, p. 252).

Inicialmente, a personagem não questiona o motivo de ter que alisar o cabelo, apenas o faz porque precisa de trabalho. Ifemelu não se pergunta por que deve mudar sua aparência nem mesmo quando passa por queimaduras e ardências devido à quantidade de química utilizada em sua cabeça, ou mesmo quando a cabeleireira a “elogia” após o tratamento, afirmando: “‘Arde um pouco’,

[...] ‘Mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com um balanço de branca!’”¹⁰ (ADICHIE, 2014, p. 221). No contexto em que ambas se encontram, ter um cabelo que balança como o de uma mulher branca é visto como sucesso, e o caminho para problematizar essa crença é trilhado por poucas.

Enquanto isso, o branco em posição dominante, representado no romance pelo possível empregador da jovem, reforça esse estereótipo ao privilegiar primeiramente o próprio fenótipo branco, e em seguida a pessoa que mais se aproximar desse padrão. Isso significa que o cabelo alisado quase sempre terá vantagem em relação aos cabelos naturais crespos, e que a negra que opta por abrir mão do arquétipo ocidental decerto enfrentará obstáculos maiores para alcançar sucesso profissional e pessoal. Fanon considera essa relação do branco com o negro como uma imposição do colonizador *versus* tentativa de provação do colonizado. Ele afirma que, enquanto os brancos se consideram superiores aos negros, “[...] alguns negros querem, custe o que custar, demonstrar aos brancos a riqueza do seu pensamento, a potência respeitável do seu espírito” (FANON, 2008, p. 27). De acordo com o psicanalista, o negro tenta se igualar ao branco, provar seu valor, que lhe foi tirado quando lhe disseram que os padrões de beleza, inteligência, e cultura aceitáveis eram os do homem branco. Essa crença está ilustrada em todas as três narrativas de Chimamanda aqui analisadas: romances em que acompanhamos negros – e principalmente negras – alisando seus cabelos, clareando suas peles, afinando seus narizes e forjando sotaques ocidentais na tentativa de se igualar ao modelo imposto.

Ainda segundo Fanon, a noção de resistência surge quando o negro, tão gasto com os esforços de se adaptar a uma cultura que não é a sua, reflete sobre sua condição subalterna e não encontra motivos plausíveis para sua inferiorização em relação ao branco. Como vemos a seguir, com a mudança de pensamento do negro narrado pelo teórico: “O branco estava enganado, eu não era um primitivo, nem tampouco um meio-homem, eu pertencia a uma raça que há dois mil anos já trabalhava o ouro e a prata.” (FANON, 2008, p. 119). Essa passagem ilustra o que os livros de História deixam de lado: o negro – que só aparece na História canônica depois da colonização europeia – já estava em posição cultural elevada, lidando

¹⁰ “‘Just a little burn,’ [...] ‘But look how pretty it is. Wow girl, you’ve got the white-girl swing!’” (ADICHIE, 2013, p. 251).

com ouro e prata, cultivando sua terra, adorando seus deuses e seguindo seus dogmas. Ifemelu parece seguir esse caminho de entendimento e aceitação quando resolve assumir seus cabelos e seu sotaque nigeriano, afastando-se do que os norte-americanos consideram como parâmetro.

O que acompanhamos na jornada de Ifemelu é esse caminho inverso sendo feito, aos poucos, de forma a quebrar os paradigmas em curso. Com o amadurecimento crítico da personagem, o cabelo crespo é acolhido como símbolo da resistência negra, à medida que a jovem nigeriana, assim como as seguidoras de seu blog, se aceita enquanto descendente africana e assume seus traços originais. Nessa ocasião, o cabelo – que ainda tem um papel tão importante na relação da mulher com a vaidade – age como fortalecedor da negritude e assume conduta significativa na luta contra o racismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, analisamos os três romances publicados por Chimamanda Ngozi Adichie, a autora nigeriana que vem ganhando espaço midiático e leitores ávidos em busca do contato com a voz do Outro. A partir da investigação de excertos selecionados de *Hibisco roxo* ([2003] 2011), *Meio sol amarelo* ([2006] 2008) e *Americanah* ([2013] 2014), examinamos os impactos sofridos pelas mulheres negras que protagonizam as narrativas de Adichie, priorizando a influência que a raça, a etnia, o gênero, ou a combinação de dois ou três desses conceitos podem ter na vida das personagens representadas nas narrativas. Nosso principal objetivo firmou-se na reflexão acerca dos impactos da hegemonia ocidental na vida das personagens nigerianas de Adichie, pesando possíveis graus de discriminação a partir do lugar da mulher negra nigeriana no contexto nigeriano pós-colônia assim como no contexto estadunidense.

Após efetivar a análise, consideramos que a hegemonia ocidental influencia em praticamente todos os aspectos da vida das protagonistas adichieanas na Nigéria pós-colonial. No entanto, a partir da construção das histórias de Adichie, não há possibilidade de dissociação do que é fruto da imposição hegemônica e o que é o curso esperado para o desenvolvimento do país. Acreditamos que, devido às circunstâncias de colonização e dominação a que a nação nigeriana foi submetida por séculos, esse se torna o curso “natural” do país, que não pode ignorar seu passado colonial.

Com isso, o que vemos nas representações adichieanas são mulheres que sofrem toda sorte de discriminação por sua cor, sua etnia e seu gênero. Desde racismo direto, passando por doutrinação e chegando ao abuso de seus corpos, ser mulher nos romances de Adichie não nos parece uma tarefa simples, e nossa pesquisa buscou apresentar os posicionamentos das personagens distintas, incluindo as que lutam para reforçar as instituições sociais que as colocam como sujeitas subalternas. Entre as diversas representações femininas nos três romances, compreendemos a escolha de Adichie de contar a história das que desafiaram o *status quo*, amadurecendo sua visão crítica do mundo e da imposição ocidental no desenrolar das narrativas, como estratégia para abrir os olhos das leitoras que as acompanharam em suas trajetórias.

Apontamos aqui para o teor característico da produção literária adichieana, que busca explorar o lugar da mulher nigeriana nos contextos histórico e contemporâneo em todos os romances e contos publicados até o presente. Além de seus três romances, a autora conta com uma compilação de contos, *No seu pescoço* ([2009] 2017), que também prioriza o olhar da mulher negra nigeriana, levantando diversos questionamentos em narrativas representantes de diferentes momentos históricos do país. Assim como nos romances, as breves histórias colocam o corpo da mulher negra em evidência, explicitando a hipersexualização da negra africana em ambientes estrangeiros. Tencionamos ampliar tal discussão nos possíveis desdobramentos desta pesquisa, o que apenas comprova o espaço para análises diversas que a fortuna literária de Adichie abre, em que temos acesso ao país africano e suas nuances a partir do olhar da autora.

Com a conclusão desta pesquisa, esperamos expandir o alcance das obras de Chimamanda Adichie, indicando as diversas possibilidades de análise dos questionamentos e problematizações apresentados pela autora. Apontamos para a importância das representações contemporâneas que se inserem em contexto pós-colonial, que expõem como se dão as relações da mulher negra com a sociedade contemporânea a partir do ponto de vista de uma mulher negra nigeriana. Recapitulamos a noção de literatura como meio de informação e reflexão, que serve como ponte entre as leitoras e as perspectivas da teorização pós-colonial, salientando a popularidade que os livros de Adichie alcançaram, ao considerarmos a importância dessa representatividade da voz do marginalizado no contexto internacional político e econômico atual, em tempos de intolerância e xenofobia verificadas nas grandes potências mundiais.

Esperamos, ainda, que as discussões levantadas neste trabalho sejam mais uma contribuição para os estudos culturais pós-coloniais, enfatizando a importância das reflexões teóricas aqui investigadas, assim como a do emprego de literatura não-canônica para apresentar (e representar) a voz do Outro.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução Vera Queiroz da Costa e Silva. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução Julia Romeu. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Americanah**. New York: Alfred A Knopf, 2013.

_____. **Half of a yellow sun**. New York: Anchor Books, 2006.

_____. **Hibisco roxo**. Tradução Julia Romeu. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Meio sol amarelo**. Tradução Beth Vieira. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **No seu pescoço**. Tradução Julia Romeu. - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução Denise Bottmann. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Purple hibiscus**. London: Harper Perennial, 2005.

_____. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. The danger of a single story. **TED** Ideas worth spreading. TED Conferences, LLC. TEDGlobal: Jul 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story>. Acesso em: 19 abr. 2018.

_____. We should all be feminists. **TED** Ideas worth spreading. TED Conferences, LLC. TEDxEuston: Dec. 2012. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists>. Acesso em: 19 abr. 2018.

ALENCAR, José Martiniano de. **Senhora**. São Paulo: Ática, 1977.

ASHCROFT, Bill et al. **The empire writes back**: theory and practice of post-colonial literatures. New York: Routledge, 1994.

AUSTEN, Jane. **Pride and Prejudice**. Hertfordshire: Wordsworth Editions Limited, 2004. p. 233-472.

BADI, Mbuyi Kabunda. Migraciones internas y externas africanas: ¿Suerte o maldición? In: ____ (Coord.). **África em movimento**: migraciones internas y externas. Madrid: Ediciones Cataratas, 2012. p. 11-35.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia sagrada**: Contendo o velho e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARVALHO, Isaías Francisco de. **Omeros e Viva o povo brasileiro**: outrização produtiva e identidades diaspóricas no Caribe Estendido. Tese (doutorado) – Salvador : UFBA, 2012.

_____. O narrador pós-colonial. In: **Anais do I CONLIRE – Congresso Nacional de Linguagens e Representações**: Linguagens e Leituras; UESC – Ilhéus, Bahia / outubro de 2009. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-19.pdf>. Acesso em 12 dez. 2016.

CÉSAIRE, Aimé. Cultura e colonização. In: SANCHES, M. R. (Org.) **Malhas que os impérios tecem**: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 253-272.

CHAUÍ, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? **Ciclo de conferências “O silêncio dos intelectuais”**. 22 de agosto a 5 de outubro de 2005, no Teatro Maison de France – Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/intelectual_engajado.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2017.

CROSARIOL, Isabelita Maria. Apontamentos sobre a autoficcionalização na literatura contemporânea. **XII Congresso Internacional da ABRALIC** Centro, Centros – Ética, Estética. 18 a 22 de julho de 2011 UFPR – Curitiba, Brasil. Disponível em: < <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0918-1.pdf> >. Acesso em: 06 set. 2017.

CRUZ, Décio Torres. **Literatura (pós-colonial) caribenha de língua inglesa**. Salvador: EDUFBA, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

EGGERS, Dave. Chimamanda Ngozi Adichie, a humanist on and off the page. **The New York Times**. The New York Times Company. 16 out. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/10/16/t-magazine/chimamanda-ngozi-adichie.html>> Acesso em: 06 dez. 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. Racismo e Cultura. In: SANCHES, M. R. (Org.) **Malhas que os impérios tecem**: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 273-285.

FILIPPI, Eduardo E; XAVIER, Rafael C. Nigéria contemporânea: raízes da insurgência doméstica e implicações regionais. In: **Revista Conjuntura Austral**. Porto Alegre, v.8, n.42, jun./jul. 2017. p. 78-95. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/72468>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

FLOOD, Alison. Every 16-year-old in Sweden to receive copy of We Should All Be Feminists. **The Guardian**. Guardian News and Media Limited or its affiliated companies. 04 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2015/dec/04/every-16-year-old-in-sweden-to-receive-copy-of-we-should-all-be-feminists>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

GRUPO COMPANHIA DAS LETRAS. Americanah. 2014. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13525>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

GRUPO COMPANHIA DAS LETRAS. Hibisco roxo. 2011. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12753>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

GRUPO COMPANHIA DAS LETRAS. Meio sol amarelo. 2008. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14401>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HOLANDA, Luisa Severo Buarque de. Da *mimesis* antiga à imitação dos antigos. In: **Especiaria** - Cadernos de Ciências Humanas. v. 11, n.19, jan./jun. 2008, p. 133-148. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/727>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

KELLAWAY, Kate. Chimamanda Ngozi Adichie: 'My new novel is about love, race... and hair'. **The Guardian**. Guardian News and Media Limited or its affiliated companies. 07 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/theobserver/2013/apr/07/chimamanda-ngozi-adichie-americanah-interview>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. In: _____. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014. p. 935-952.

MAESTRO, Suzana Moreno. Culturas africanas y migraciones: entre la imposición y la resistencia. In: BADI, M. K. (Coord.) **África em movimento**: migraciones internas y externas. Madrid: Ediciones Cataratas, 2012. p. 229-254.

MBEMBE, Achille. Formas africanas de escrita em si. **Artafrica** - Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Trad. Marina Santos. Lisboa, 7 mar. 2010.

_____. **Sair da Grande Noite**: Ensaio sobre a África Descolonizada. Luanda, Angola/Magualde, Portugal: Edições Mulemba/Edições Pedagogo, 2014.

PORTOLÉS, Asunción Oliva. Debates sobre el género. In: AMORÓS, C. MIGUEL, A. (Eds.) **Teoría Feminista**: de la ilustración a la globalización. Madrid: Minerva Ediciones, 2005, 2010. p. 15-60.

RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. – São Paulo: Ed. 34, 2007.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade**: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil / Tradução: Vera Ribeiro. - Salvador : Edfba; Pallas, 2003.

SANTOS, Daiana Nascimento dos. **El océano de fronteras invisibles**: relecturas históricas sobre (¿el fin? de) la esclavitud en la novela contemporánea. Madrid: Verbum, 2014.

SANTOS, Donizeth Aparecido dos. Representações do intelectual engajado na obra de Erico Veríssimo. **Organon**. Porto Alegre, nº 47, julho-dezembro, 2009, p. 147–161. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29515>>. Acesso em: 08 set. 2017.

SEGATO, Rita Laura. La norma y el sexo. Frente estatal, patriarcado, desposesión, colonialidad. In: BIDASECA, Karina (Coord.). **Genealogías críticas de la colonialidad en América Latina, África, Oriente**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Ciudad Autónoma de Buenos Aires: IDAES, 2016. p. 31-64.

SIEGA, Paula Regina. Ferros-velhos e utensílios: conceitos gramscianos nos estudos literários e culturais. **Matraga**. Rio de Janeiro: v.22, n.37, jul/dez. 2015. p. 98-117. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19933>>. Acesso em: 21 out. 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**; tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THIBES, Luana Caetano; CARVALHO, Isaías Francisco de. A mulher negra em Americanah: níveis de subalternidade nos EUA do século XXI. **Litterata** - Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, v. 3, 2013. p. 103-116. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/860>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

_____. A mulher negra e o engajamento social em *Meridian* e *Americanah*. **Anais do VI SEPEXLE**: Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2014. p. 192-198. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/sepexle/visepexle/anais_visepexle2014.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2017.

_____. Mímica versus experiência em Adichie e Kincaid: o império na perspectiva do colonizado. **Folio** (Online): revista de letras, v. 8, 2016. p. 199-214. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/view/5543>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

THIBES, Luana Caetano; SANTOS, Daiana Nascimento dos. A migrante africana: processos identitários e resistência no contexto contemporâneo. **Revista Communitas**, v 1, 2017. p. 470-479. Disponível em: <<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/COMMUNITAS/article/view/1503>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

TUNCA, Daria. **Biography**. The Chimamanda Ngozi Adichie Website. © 2004-2017 Daria Tunca. Disponível em: <<http://www.l3.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>>. Acesso em: 06 set. 2017.